

**A CASA
TOMBADA**
Lugar de Arte, Cultura e Educação

FACONNECT

CAMINHOS QUE MARCAM O PAPEL E A ALMA DAS CRIANÇAS

LAÍS FLEURY CUNHA REGO MONTEIRO

Trabalho realizado sob a orientação de Tomas Vega,
em exigência parcial, para a obtenção do
certificado de especialista, como
concluente do curso de Pós-Graduação
Lato Sensu "A vez e a voz das crianças: a
arte de escutar e conhecer narrativas,
linguagens e culturas infantis"

Rio de Janeiro | 2020

Caminhos que marcam o papel e a alma das crianças

Autora: Laís Fleury Cunha Rego Monteiro

Orientador: Tomas Vega

Rio de Janeiro, julho de 2020

Resumo

Já podemos nos considerar uma sociedade majoritariamente urbana. O modelo de urbanização das cidades brasileiras entende que a forma de ocupação do espaço consiste em verticalizar as edificações e cimentar os espaços abertos, induzindo a um estilo de vida mais sedentário e confinado. A infância é um período de experimentações, sensações e brincadeiras. O corpo em movimento é uma linguagem de conhecimento das crianças, e exige espaços amplos que permitam movimentos e expressão. Como ter uma infância plena e saudável em ambientes e tempos que não acolhem sua pulsão expansiva? Como proporcionar às crianças experiências autônomas e diretas com a natureza em um contexto urbano? Depois que me tornei mãe, passei a olhar a cidade sob os interesses das crianças, e percebi que a oferta de espaços ao ar livre ricos em natureza era escassa e de difícil acesso. Este trabalho se propõe a ouvir as crianças. Para ouvi-las em sua linguagem natural, acessar seus dizeres mais sinceros e profundos, é preciso acessar sua vida imaginária. Acessar esta dimensão requer utilizar-se de metodologias que criem situações que levam as crianças a se expressarem para além da via oral e escrita, por seus meios próprios: pela gestualidade corporal, pela expressão gráfica, pelo brincar. Escolhi como canal expressivo o desenho que, para a criança, é uma linguagem como o gesto ou a fala. Convidei-as a me contarem como percebem, sentem e interagem com seu entorno enquanto percorrem trajetos de um lugar a outro em sua cidade. O que os desenhos infantis nos dizem sobre nós mesmos, sobre as crianças e sobre a cidade que nos acolhe (ou não)?

Palavras-chave: Crianças | Natureza | Cidade | Desenho infantil

Abstract

We can already consider ourselves a mostly urban society. The urbanization model of Brazilian cities understands that the form of occupation of space consists in verticalizing the buildings, cementing the open spaces, inducing a more sedentary and confined lifestyle. Childhood is a period of experimentation, sensation and play. The moving body is a language of knowledge for children, and requires large spaces that allow movement and expression. How can you have a full and healthy childhood in environments and times that do not welcome your expansive drive? How to provide children with autonomous and direct experiences with nature in an urban context? After I became a mother, I started looking at the city in the interests of children and realized that the offer of outdoor spaces rich in nature was scarce and difficult to access. This work aims to listen to children. To hear them in their natural language, access their most sincere and profound sayings, it is necessary to access their imaginary life. Accessing this dimension requires using methodologies that create situations that lead children to express themselves beyond oral and written means, by their own means: by body gestures, by graphic expression, by playing. I chose children's drawing as an expressive channel. For children, drawing is a language like gesture or speech. I invited the children to tell me how they perceive, feel and interact with their surroundings while traveling from place to place in their city. What do children's drawings tell us about ourselves, about children and about the city that welcomes us (or not)?

Key-words: Children | Nature | City | Children's drawing

Sumário

CAMINHOS QUE MARCAM O PAPEL E A ALMA DAS CRIANÇAS	1
Resumo	1
Abstract	2
Sumário	3
Agradecimentos	5
1. Como percebo (e me percebo) o modo de vida das infâncias urbanas:	8
O que colaborou para construir-me?	8
2. Por que olhar para os caminhos na cidade?	17
3. Para começar a chegar...	23
4. Chegou então, a minha vez, de ouvir as crianças...	28
5. Ouvir as crianças: linguagens e expressões	30
6. O desenho como linguagem:	32
7. O percurso da escuta...	34
O vínculo inicial	34
Percorrendo juntos o mesmo caminho....	36
O encontro com as crianças e com os seus desenhos...	37
8. A análise dos desenhos	39
9. Achados	62
10. Referências bibliográficas:	68
11. Baú de tesouros	73

Agradecimentos

Ao meu marido Átila, por acolher as minhas escolhas e por se solidarizar com a minha ausência em casa por horas e dias dedicados a este trabalho.

Às minhas filhas, Alcía e Lia, minhas maiores inspirações na batalha por um mundo melhor e mais sensível às crianças.

Ao Instituto Alana, pela oportunidade de participar desta pós e por abrir tantas portas para um mergulho na infância.

À Adriana Friedmann, pelo apoio e amor com que conduziu esta jornada, e por sua generosidade em abrir a sua rede.

Ao meu orientador Tomas Vega, pela paciência, incentivo, e generosidade em compartilhar os seus saberes.

Às minhas parceiras de curso, por sermos um bando.

À Angela, Giuliano e a todos os funcionários da Casa Tombada, por abrirem as portas da casa, um espaço tão amoroso e íntimo.

À Escola Nau e à professora Luzia Barbosa, por abrirem espaço, e dedicarem tempo e afeto a esta jornada.

À Luiza Esteves e Regina Cury, pela amizade e por trazer beleza ao meu trabalho

E um agradecimento especial às crianças, co-autoras deste trabalho, por confiarem em mim e alegrarem as minhas tardes.



*Dedico este trabalho às minhas filhas,
Alicia e Lia, minha fonte de inspiração para
aperfeiçoar a minha escuta*

*Vai já pra dentro menino!
Vai já pra dentro estudar!
É sempre essa lengalenga
Quando o que eu quero é brincar...*

*Eu sei que aprendo nos livros,
Eu sei que aprendo no estudo,
Mas o mundo é variado
E eu preciso saber tudo!*

*Há tempo pra conhecer,
Há tempo pra explorar!
Basta os olhos abrir,
E com o ouvido escutar.*

*Aprende-se o tempo todo,
Dentro, fora, pelo avesso,
Começando pelo fim
Terminando no começo!*

*Se eu me fecho lá em casa,
Numa tarde de calor,
Como eu vou ver uma abelha
A catar pólen na flor?*

*Como eu vou saber da chuva
Se eu nunca me molhar?
Como eu vou sentir o sol,
se eu nunca me queimar?*

*Como eu vou saber da terra,
Se eu nunca me sujar?
Como eu vou saber das gentes,
Sem aprender a gostar?*

*Quero ver com os meus olhos,
Quero a vida até o fundo,
Quero ter Barros nos pés,
Eu quero aprender o mundo!*

1. Como percebo (e me percebo) o modo de vida das infâncias urbanas:

Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores. (BARROS, M., 2003, p. 7)

O que colaborou para construir-me?

Nasci em Goiânia, capital do estado brasileiro de Goiás, e morei durante a minha infância em uma casa com um quintal enorme, com balanços, árvores para trepar e que ofereciam sombra, um terreno com desnível que permitia sensações de balanço e aventura e um muro que nos separava de uma rua sem saída, onde brincavam muitas crianças sem adultos à vista.

No meu quintal, tenho lembranças de diferentes ordens: de brincadeiras com minhas irmãs, de algumas conquistas, como aprender a andar de bicicleta com o meu pai, lembranças sonoras, como a das cigarras nas árvores que zoavam no entardecer ou dos pássaros que me acordavam de manhã.

Convido o poeta Manoel de Barros, para descrever o que o meu quintal significou na minha vida ...

*Eu fui aparelhado para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
(BARROS, M., 2003, p. 7)*



*Eu e minhas irmãs no nosso quintal. Eu no colo da babá.
Laura, minha irmã do meio, à esquerda e Liza, minha irmã mais velha, à direita.*

Fonte: acervo pessoal

O muro do quintal nos separava da rua sem saída onde era a minha casa. A rua era o ponto de encontro com os vizinhos e o lugar de relacionar-se com o outro através dos jogos corporais coletivos, como jogar bola, brincar de pique-pega, esconde-esconde e queimada. A única condição para poder ou não brincar na rua, era ter feito o dever de casa. A rua era terreno fértil para o encontro, integrando crianças de diversas idades, sem intervenção e supervisão de adultos. Assim como a Ana Angélica Albano, em seu artigo *De quintais e outros quintais* (ALBANO, 2015), me surpreendo com a liberdade e autonomia que meus pais me davam para brincar na rua, e também me questiono, como ela, se a minha memória subtraiu os adultos da cena... Mas acho que não.. Compartilho aqui, um outro depoimento que encontrei em um dos meus livros infantis favoritos, que remete a memórias de infâncias de um menino em seu sítio em Atibaia.

O dia seguinte sempre valia a noite mal dormida. O sol nem tinha saído direito e já estava cada um pro seu lado. Ele me deixava solto quase o tempo inteiro. Por minha conta, por meu juízo. (MALTEZ, 2011, p. 33)

Outro ambiente importante na minha infância, foi a chácara, um sítio que meu pai tinha há 40 minutos da cidade. Eu gostava de ir para lá todos os finais de semana e muitas vezes, por falta de companhia, eu ia sozinha mesmo. A chácara era o lugar onde eu encontrava a natureza e a mim mesma, o diálogo constante do interno com o externo. Lá eu tive tempo para brincar, para me entregar a muitas descobertas e curiosidades.

A chácara era o ambiente onde eu encontrava refúgio e muitas vezes me entreguei a um estado de contemplação. Lembro da sensação de andar a cavalo sozinha, nos finais de tarde, de admirar o horizonte, a beleza do pôr do sol, e começar a divagar sobre a existência de diferentes realidades e dimensões paralelas às minhas. Acredito que estes momentos de introspecção na minha infância em contato com a natureza tenham também sido as minhas primeiras experiências em contato com a espiritualidade.



Eu com meu pai e primos na chácara

Fonte: acervo pessoal

Espaço é memória. O meu quintal, a rua e a chácara foram a paisagem da minha infância, me criaram e me tornaram quem eu sou. Me mostraram que não existe apenas o que vemos, mas também o que sentimos e desejamos. Essa possibilidade de ter tido vivências longas e contínuas na natureza, especialmente por meio do brincar livre, me definiu um caminho, que determinou muitos outros ao longo dos anos, como por exemplo a minha escolha profissional. Acabei desenvolvendo um olhar empático para as infâncias, e quando penso na infância que eu tive e nas infâncias urbanas empurradas ao confinamento, é difícil me conformar...



A infância é - ou deveria ser - um período de experimentações, sensações, sabores, cores, brincadeiras. (FRIEDMANN, 2013). Como ter uma infância plena e saudável em ambientes e tempos que não acolhem sua pulsão expansiva e não potencializam a transgressão? Entendo a natureza como um direito humano e trabalho para proporcionar uma infância rica em natureza para todas as crianças, sejam elas as minhas, as dos outros e as de ninguém.

Quando me tornei mãe, tive vontade de oferecer às minhas filhas acesso a ambientes verdes e amplos como eu tive na minha infância. Eu morava em São Paulo, perto da Avenida Paulista, símbolo da cidade por abrigar diversos equipamentos culturais, shoppings, cinemas, empresas dos mais diversos segmentos e por ser frequentada por milhões de pessoas diariamente. Senti na pele como é difícil viver em uma cidade densa, com poucas oportunidades de lazer ao ar livre, tendo um bebê em casa. Lembro de levar a Alícia, a mais velha, para o parque Trianon, a duas quadras da minha casa. Ficava tensa com as buzinas altas que poderiam atrapalhar seu sono na volta, me preocupava por ela respirar um ar tão poluído, e tinha dificuldade em passar com o carrinho de bebê nas calçadas esburacadas e cheias de degraus para nivelar o desnível dos terrenos irregulares.

Passei a olhar a cidade sob os interesses das crianças e percebi que a oferta de espaços ao ar livre ricos em natureza era escassa e de difícil acesso. Mesmo tendo consciência da necessidade de oferecer às minhas filhas a possibilidade de brincar em espaços ao ar livre, deparei-me com barreiras decorrentes de um processo sistêmico que pouco valoriza o contato com a natureza e o desfrute da vida do lado de fora, e que impactam, diretamente, o modo de viver das infâncias nas cidades.

No Brasil, a concentração da população em cidades cresceu de 75,6%, em 1991¹, para 84,7%, em 2015². Hoje, já podemos nos considerar uma sociedade majoritariamente urbana. O modelo de urbanização das cidades brasileiras entende que a forma de ocupação do espaço consiste em verticalizar as edificações, cimentar os espaços abertos e priorizar as ruas para passagem dos carros, induzindo a um estilo de vida mais sedentário e confinado. A rapidez e a intensidade desse processo causaram mudanças drásticas em nossa organização social, em nossa saúde e na nossa relação com a cultura e com a natureza.

Esse cenário, no entanto, varia de intensidade dependendo da classe social e da

¹ Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/309/cd_1991_v6_n12_pe.pdf> Acesso em 06/07/2020

² Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf>> Acesso em 06/07/2020

realidade específica de cada um, e seus impactos são mais agudos e presentes nas cidades e bairros densamente habitados e de alta vulnerabilidade social, onde as condições para uma infância saudável e plena estão muito ameaçadas.

Udo Lange, arquiteto e fundador do Bagage³, diz que a chance de uma infância feliz depende do espaço de atuação na cidade toda. Quase não se vê as crianças brincando nas ruas, frequentando parques e praças durante a sua rotina semanal. Esse estilo de vida confinado, onde as crianças e adultos passam a maior parte do tempo em ambientes fechados e isolados, cria um cenário que cobra um preço muito alto para o desenvolvimento saudável na infância.

O jornalista Richard Louv, autor do livro *A Última Criança na Natureza* (LOUV, 2016), cunhou o termo “transtorno do déficit de natureza” para descrever esse fenômeno que incide principalmente nas infâncias urbanas. Não se trata de um termo médico, mas ele associa a falta de oportunidades de a criança brincar livre, em contato com a natureza, a impactos negativos na saúde das crianças. Obesidade, hiperatividade, desequilíbrio emocional, baixa motricidade - falta de equilíbrio, agilidade e habilidade física - são alguns dos problemas de saúde mais evidentes causados por esse contexto.

Simultaneamente, muitas pesquisas⁴ sugerem que o convívio com a natureza na infância, especialmente por meio do brincar livre, ajuda a fomentar a criatividade, a iniciativa, a autoconfiança e a capacidade de escolha, o que por sua vez contribui para o desenvolvimento integral da criança.

No texto *Um Espaço que Favoreça a Infância*, Maria Amélia Pereira escreve, com base em mais de trinta anos de experiência na Casa Redonda Centro de Estudos, que precisamos pensar em espaços para além das áreas estanques que nós, adultos, temos oferecidos às crianças. Esses espaços devem permitir que elas exerçam seu fazer mais espontâneo - o brincar - explorando e experimentando, em

³ <<https://www.bagage.de>>

⁴ Para informações sobre pesquisas e estudos sobre o tema, sugiro a biblioteca online do programa Criança e Natureza do Instituto Alana <www.criancaenatureza.org.br/biblioteca/>

intensa movimentação física e psíquica, num processo incrível de crescimento e consequente aquisição das qualidades humanas que guardam em si.

Reconheço o brincar como intrínseco à infância, como linguagem essencial e ação constitutiva do ser humano, por meio do qual a criança descobre e apreende o mundo. A criança, por natureza, carrega dentro de si uma pulsão expansiva, de movimento e interação com o ambiente onde vive, que se expressa através do brincar e do corpo. O corpo em movimento é uma linguagem de conhecimento das crianças, e exige espaços amplos que permitam movimentos e expressão (PEREIRA, 2013).

Em cidades grandes, há uma espécie de luta entre a criança e a cidade, onde a criança com frequência perde e é tirada do caminho e empurrada porta adentro. Segundo o especialista em infância Tim Gill, o confinamento faz com que as crianças percam a conexão com o mundo fora das caixas, com mundo natural, com a cidade, suas ruas e suas vizinhança (GILL, 2018) ⁵.

O pensador italiano Francesco Tonucci, com o seu dom de ilustrar o mundo através dos olhos das crianças, consegue nos transmitir como as crianças se sentem perante a cidade e o confinamento. A primeira ilustração remete à criança com restrição de movimento dentro de casa, mas acredito que a sensação de cerceamento é a mesma.

⁵ *A cidade e sua natureza para as crianças*. GILL, T. [Entrevista concedida ao] Instituto Alana, programa Criança e Natureza, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vpx0X4mcTUY>>

O Cercadinho

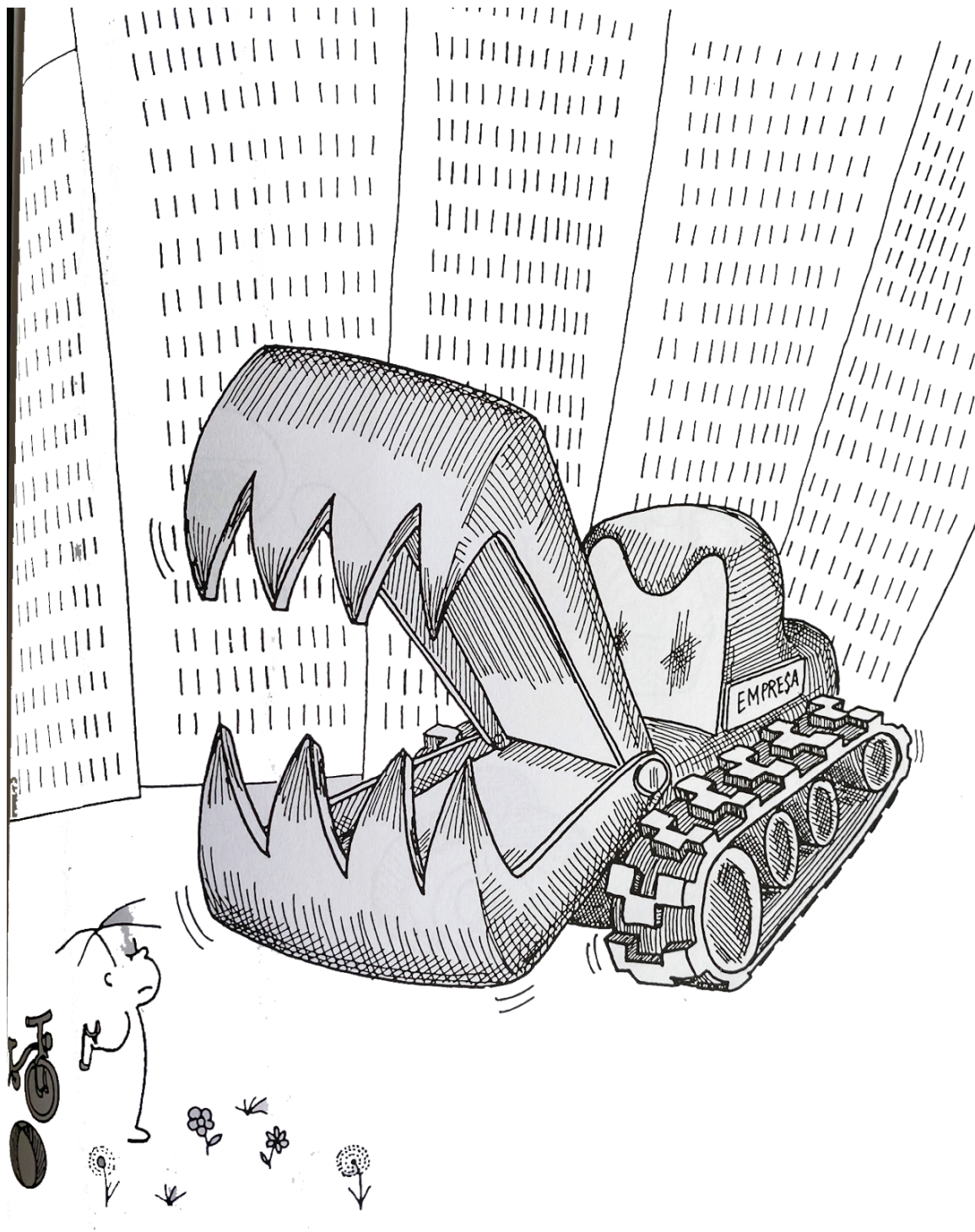


Fonte: (TONUCCI, 1997, p. 29)

Como dar vazão a esta pulsão expansiva e exploratória às crianças que vivem nas cidades? Como proporcionar o contato diário com a natureza? Como proporcionar a brincadeira ao ar livre em cidades que privilegiam o ambiente privado em detrimento da convivência em espaços públicos?

Estas são perguntas que me acompanham e sobre as quais me debruço para encontrar respostas por meio do meu trabalho no programa Criança e Natureza do Instituto Alana, e por onde começo a tecer esta monografia. Com a maternidade, o **confinamento da infância** se tornou uma barreira quase intransponível. E com a constatação de que **muitas grandes cidades são ambientes hostis à infância**, o que exige esforço proporcionar às crianças experiências diretas com a natureza, comecei a buscar caminhos para descobrir como as crianças dão vazão às suas necessidades de movimento e expansão em ambientes urbanos.

A Criança e a Cidade



Fonte: (TONUCCI, 1997, p. 157)

2. Por que olhar para os caminhos na cidade?

O programa Criança e Natureza do Instituto Alana⁶ organiza missões técnicas para Freiburg, na Alemanha, que são viagens de estudos especialmente desenhadas para gestores públicos e profissionais comprometidos com a qualidade de vida das crianças, para que participem de vivências e conversas com especialistas, numa oportunidade única de conhecer cidades que são referências em sustentabilidade e em políticas favoráveis à infância. O intuito dessas missões é impulsionar o surgimento de cidades mais verdes e amigáveis à criança no Brasil, por meio de iniciativas que garantam sua presença no espaço público e seu acesso à natureza urbana.

Em julho de 2019, tive a oportunidade de embarcar em uma Missão Técnica⁷ para Freiburg e Griesheim, cidades localizadas no sul da Alemanha, próximas à Floresta Negra.

Griesheim ficou conhecida na Alemanha como Cidade Brincante, pelo esforço em recuperar seus espaços públicos para as crianças e torná-los atraentes e passíveis de serem percorridos de forma autônoma pelos pequenos cidadãos. Lá conheci o Prof. Bernard Meyer, idealizador deste projeto e deste conceito, quem nos levou para conhecer instalações conhecidas como "acompanhantes de percursos", objetos brincantes dispostos a cada 300m, que são partes constituintes dos trajetos, tornando-os atrativos para que as crianças desejem andar a pé e passem mais tempo ao ar livre (INSTITUTO ALANA, 2017).

⁶ < www.criancaenatureza.org.br >

⁷ < <https://criancaenatureza.org.br/noticias/missao-tecnica-griesheim-alemanha/> >



Fonte: INSTITUTO ALANA, 2019, p.7

Em Griesheim, constatei que os lugares onde as crianças brincam não são apenas os lugares especificamente construídos para elas, como parquinhos e praças, mas toda a geografia percorrida por elas. Pontos de ônibus, terrenos baldios e os diferentes trajetos urbanos podem ser espaços mais atrativos para as crianças e permitir sua interação com a natureza.

O urbanista Peter Apel, diretor do escritório de planejamento e arquitetura Stadtkinder⁸, diz que, ao limitar o brincar das crianças aos parquinhos e praças, criamos ilhas para a infância e passamos a mensagem de que é só lá que elas podem brincar e não no resto da cidade. Ele ressalta que as crianças caminham de uma maneira diferente dos adultos: elas se equilibram, usam suas potencialidades motoras, se apoderam do que precisam, não brincam apenas em brinquedos prontos. Por exemplo, se elas vão até uma estátua, criam brincadeiras com ela. Sob a perspectiva de que as crianças passam mais tempo brincando em caminhos da cidade do que em parques e áreas destinadas à infância, devemos considerar que toda a cidade pode ser brincante e, pela perspectiva da criança, os espaços livres da cidade podem ser constantemente ressignificados como espaços que proporcionam o movimento e a geografia do brincar (INSTITUTO ALANA, 2019, p. 10).

⁸ <<https://www.stadt-kinder.de/>>

Em Freiburg, fiquei hospedada na casa da minha amiga Tatiana Costa, mãe do Eric, então com 5 anos de idade, e do Nino, que tinha 8 anos na época. A família havia se mudado para Freiburg havia quatro anos. Por dois dias, eu acompanhei as crianças em seus trajetos de casa até a escola.

Eric ia de bicicleta. Seu caminho passa por ruas designadas ao brincar com redução do limite de velocidade dos veículos para 30 km/h, ciclovias que margeiam e valorizam o Rio Dreyser, e caminhos alternativos que passam por dentro de parques. O trajeto para o Eric era uma fonte inesgotável de diversão e de brincadeiras. Fazia zig zag em cones de trânsito, escolhia passar em trechos de vegetação mais densa, fingindo que eram túneis, e aproveitava vários desníveis de calçadas para dar pulos com a bicicleta.



Eric saindo para a escola de bicicleta com o pai

Fonte: acervo pessoal



Eric, no retorno para casa, começa com uma corrida ladeira abaixo de mãos dadas com o amigo, e termina em uma competição de quem chega primeiro

Fonte: acervo pessoal

Já Nino, seu irmão mais velho, faz um caminho híbrido para a escola. Vai de bicicleta até a casa de um amigo, e a partir dali encontra com outros colegas para caminharem juntos até a escola. Nino e seus amigos também se divertem em seu trajeto, fazem competição de quem chega mais rápido e seguem ressignificando o espaço urbano, transformando calçadas e muros em opções de movimento e brinquedo.



Nino chega ao ponto de encontro, onde segue com os amigos até a escola

Fonte: acervo pessoal

O trajeto entre a casa e a escola garante ao Eric, Nino e seus amigos diversão, brincadeiras ao ar livre, encontro com seus pares e atividade física. É a fatia da cidade que lhes é possível degustar durante a sua rotina semanal.

Tim Gill nos lembra (GILL, 2018), que as crianças não vivem em cidades, e sim em bairros. Todas as crianças anseiam por liberdade e experiência. No esforço de aumentarmos a liberdade cotidiana das crianças, muitos adultos acham que os parquinhos são chave para as crianças brincarem e encontrar os amigos. Acontece que eles não são usados se as crianças não podem acessá-los. Desta forma, os

caminhos, seja entre a casa e a escola, ou entre lugares que fazem parte do cardápio de atividades das crianças durante a semana, devem ser olhados como lugares que permitem às crianças viver e experienciar suas próprias experiências, ir e vir e, assim, ir conhecendo a cidade onde vivem, tornando-se cidadãos presentes e conscientes da vida pública.

Acredito que quando as crianças vivenciam desde pequenas os lugares em que habitam, estabelecem vínculos de pertencimento e memórias que desabrocham ao longo da vida, em relações mais estreitas com a cidade, e se tornam comprometidos em cuidar dela.

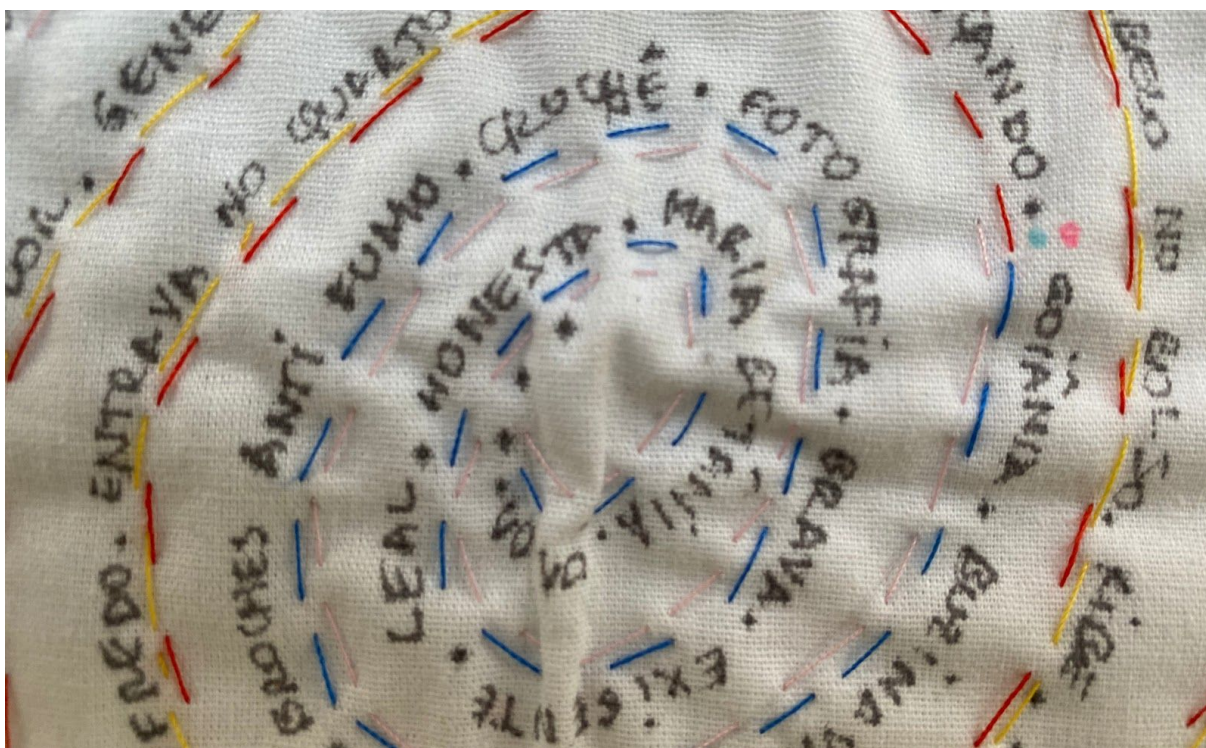
Esta percepção da relevância dos caminhos na experiência urbana das crianças sinaliza qual o próximo ponto que devo tecer no meu trabalho. **Escolhi os caminhos, como o ponto de intersecção das crianças com a cidade.** Como as crianças percorrem seus caminhos? O que elas sentem? Quais são seus caminhos preferidos? Como as crianças percebem estes caminhos? Elas têm uma relação ativa com eles? O que a escolha de seus caminhos diz sobre elas e sobre a cidade onde vivem?

3. Para começar a chegar...

Os fios, pontos, laços e mãos que fiam contam muitas histórias interiores, permeadas de emoções, sentimentos e pensamentos raramente desvelados, compreendidos (FRIEDMANN, 2013, p. 34).

No início da pós-graduação, fomos convidadas a reverenciar a nossa ancestralidade, fazendo a nossa árvore genealógica. Foi um chamado para olhar para os meus antepassados e reacender o que deles existe dentro de mim, como disse a educadora social Bel Santos Mayer em sua aula de encerramento desta pós-graduação, "ninguém é o que é se não fosse os outros".

Este processo me levou a bordar, algo que eu não fazia há muito tempo, e que me traz memórias da minha falecida mãe. Bordar é um exercício de profunda interiorização, uma reaproximação com as minhas emoções e sensibilidade. Enquanto bordava, cada integrante da minha família costurava dentro de mim o que de cada um eu herdei e incorporei, como se eu fosse dando forma a uma colcha de retalhos interna que sempre me revestiu e amparou.



E não foi diferente o movimento que eu fiz para tecer este trabalho. Comecei investigando o outro para encontrar o que fazia sentido para mim. Busquei referências de trabalhos que deram voz às crianças e como elas percebem, investigam e interagem com os seus caminhos na cidade. À medida em que fui entrando em contato com estes estudos e projetos, através de documentos, sites e vídeos, fui ligando os pontos e compondo o que fazia sentido ficar. E, assim, fui dando forma, cores e clareando o caminho das pedras que eu deveria trilhar para chegar até as crianças.

Compartilho aqui algumas referências interessantes:

No blog Mobilize - Mobilidade Urbana Sustentável⁹, a arquiteta e urbanista Irene Quintáns convidou crianças que vão para a escola por diferentes meios de transporte a desenharem como percebiam seus caminhos. Em seu estudo, ela compartilha o desenho de uma criança que ia a pé para a escola, que detalha uma riqueza de elementos como árvores, cores e estabelecimentos que tem como referência. Já os desenhos de uma criança que ia de carro eram pouco coloridos, e quase não havia referências de elementos naturais e detalhes do seu entorno. Ela traz o olhar de que o meio de transporte impacta na interação e percepção da criança com o meio ambiente.

⁹ <https://www.mobilize.org.br/blogs/passos-e-espacos/aunidademinima/>



Fonte: [blog Mobilize](#) - Red Ocara - Irene Quintáns

Outra iniciativa interessante é o Projeto Criança Fala na Comunidade - Escuta Glicério, realizado nos anos de 2015 e 2016.

A fundadora da ImaginaC - plataforma que dá voz e visibilidade às crianças na construção de um mundo melhor -, a socióloga Nayana Brettas, escutou crianças, de 3 a 11 anos, moradoras do bairro Glicério, em São Paulo, para conhecer suas opiniões sobre o bairro e o entorno onde moravam, visando transformar, ocupar e ressignificar os espaços públicos cotidianos com a participação infantil e da comunidade.

Posso resumir a forma como trabalhamos o Criança Fala na Comunidade – Escuta Glicério com dois termos fundamentais, e que foram orientadores: escuta focada no brincar e no vínculo afetivo, e respeito à linguagem das crianças.¹⁰

Como metodologia de escuta, foram usadas, entre outras dinâmicas, contações de histórias, desenhos e caminhadas que resultaram na organização do mapa afetivo das crianças do Glicério. O resultado foi poético e surpreendente.

Conseguimos enxergar um pouco deste bairro tão singular encravado no centro de São Paulo: surgiram labirintos, ruas cheias de vida, casas em cima do viaduto e todos aqueles espaços onde crianças brincam. São os espaços onde estão felizes. Espaços que guardam boas memórias. Surgem nesses traços pequenos fragmentos de emoções e sentimentos que, assim como marcam o papel, marcam de algum modo a alma de quem os desenha. Caminhos individuais, mas que se encontram em um mesmo Glicério (MOURA, 2015, p. 21).

Neste trabalho, me encantou a narrativa poética por meio da qual ela descreve sua experiência, e o enfoque afetivo que deu para as crianças compartilharem seus caminhos.

Conheci, pela pós-graduação, o trabalho da arquiteta Fernanda Tavares, que faz parte do coletivo Apé - Grupo de Estudos em Mobilidade. Ela envolveu crianças da EMEI Alberto de Oliveira e, através da iniciativa Exploradores da Rua, convidou-as a fazerem percursos pelo bairro, em companhia de seus professores responsáveis e integrantes do Apé. A volta no quarteirão da escola possibilitou a exploração e a *descoberta de uma cidade só vista pelas crianças* e a escuta foi feita através da observação, desenhos e registros fotográficos feitos pelas crianças.

E, por fim, o filme *Caminhando com Tim Tim*¹¹, dirigido por Genifer Gerhardt, que retrata o caminho do pequeno Valentim até a casa da avó, e que revela ser muito

¹⁰<<http://primeirainfancia.org.br/criancaeoespaco/inspire-se/inspire-se-crianca-fala-na-comunidade-escuta-glicerio>>

¹¹<<https://www.youtube.com/watch?v=1dYukOrq5Rl>>

mais do que percorrer duas quadras. Traz uma visão poética e o olhar inédito de Valentin em valorizar encontros com amigos que sabe que vai cruzar no seu trajeto, e que também se tornam seus guardiões. Este filme foi uma grande inspiração para mim, pelo olhar e escuta atentos de sua mãe em notar como Valentin ressignificou um simples trajeto entre duas casas. Este olhar poético, que observa as miudezas e revela o que nem sempre está visível, é o que eu gostaria de buscar com as crianças.

Sinto que, daí, avancei e cheguei ao recorte da minha pesquisa. Investigar com um grupo de crianças, que utilizam diferentes meios de transporte, como elas percebem, sentem e interagem com seu entorno enquanto percorrem trajetos de um lugar a outro em sua cidade.

4. Chegou então, a minha vez, de ouvir as crianças...

4.1 Onde estão as crianças que serão as minhas companheiras de investigação dos caminhos pela cidade?

A Escola NAU¹² é uma escola particular de educação infantil, construtivista, sociointeracionista e com um olhar sensível para a arte. Existe há 43 anos no bairro da Urca, na zona sul do Rio de Janeiro. A escola exerce presença e função social importantes no bairro. Sua diretora, Celi Paradela, foi presidente da Associação de Moradores do Bairro da Urca (AMOUR) por muitos anos. É comum encontrar as pessoas da diretoria da escola em eventos como festa de inauguração da reforma da pracinha, rituais festivos do bairro, e na feira aos domingos. As crianças reconhecem a escola como uma extensão do bairro onde moram, e testemunham a escola continuamente exercendo funções que extrapolam seus muros e contribuem para benfeitorias no bairro e para o senso de pertencimento de seus alunos.

Faz parte do projeto político-pedagógico da NAU o desemparedamento da infância¹³. A escola entende e explora a cidade como lugar propício às aprendizagens. Seus diferentes espaços, tempos e atores são compreendidos como agentes pedagógicos e garantem a perenidade do processo de formação das crianças para além da escola. Passear pela cidade faz parte da rotina escolar semanal. Os alunos visitam parques, praias, centros culturais, bibliotecas e museus. São garantidos às crianças passeios para apreciar exposições de artes, participar de oficinas de leitura em bibliotecas e brincar em áreas verdes da cidade. A escola investiu na aquisição de uma van, que as crianças carinhosamente chamam de a "Van do Sirlei". Sirlei, além de motorista, é o jardineiro da escola desde a sua fundação, e é reconhecido como um agente pedagógico e uma referência carinhosa para as crianças.

Por ser uma escola de bairro, muitas crianças vão a pé para a escola, e também em diferentes meios de transporte, como bicicleta, carro e transporte público. A

¹² <<http://escolanau.com.br>>

¹³ "Desemparedamento da infância" é um termo cunhado pela Professora de Educação da Unirio Lea Tiriba, que busca denominar o esforço de estimular experiências ao ar livre para as crianças, por meio do uso de territórios dentro e fora dos muros da escola.

oportunidade de saírem semanalmente para usufruir dos espaços públicos da cidade, aliada à diversidade de meios de transporte pelos quais as crianças chegam à escola, foram as principais características que me levaram a escolher a NAU como o lugar de encontro com crianças que têm oportunidade de usufruir e degustar da cidade onde moram.

4.2 Quem são elas ?

As crianças do meu grupo de pesquisa estavam cursando à época o primeiro ano do ensino fundamental, e compunham a turma verde da Escola NAU. O grupo era composto por 14 crianças, entre 6 a 7 anos, de classe média, com pouca diversidade socioeconômica. A maioria delas residia no bairro da escola, e as demais em bairros vizinhos. Estudavam juntas desde o início da educação infantil.

Há alguns aspectos interessantes nesta amostra. Das 14 crianças:

- 7 crianças (50%), são filhos únicos
- A distribuição de gênero é equilibrada: 7 meninas (50%) e 7 meninos (50%)
- 6 crianças são filhas de pais separados (quase a metade)

5. Ouvir as crianças: linguagens e expressões

Lia, se você quiser um diário, é só você ter imaginação que ele acontece.

Alicia, 9 anos

Entendo as crianças como sujeitos de direitos, criadores e protagonistas de formas singulares de ser, estar, pensar, sentir e participar do mundo. As crianças estão em um processo único de desenvolvimento físico, emocional, cognitivo, social e simbólico; é o ser humano em sua fase mais sensível. Elas descobrem o mundo de uma maneira própria, e têm poros muito abertos que captam campos de inconsciência, que contactam o oculto e o não revelado.

As crianças estão permanentemente falando, dizendo, expressando, por inúmeros meios, seus sentimentos, percepções, emoções, momentos, pensamentos, mesmo sem consciência de fazê-lo. (FRIEDMANN, 2013, p. 31)

O lugar de onde as crianças falam não é o da racionalidade linear e analítica. Sua lógica é a da imaginação, do conhecimento poético, dos estados de sonho. A linguagem fundamental com a qual a criança trabalha para criar relação com o ambiente em que vive, e para referir o ambiente a ela, é a imaginação. É pelo aspecto ficcional e simbólico que a criança constrói seus principais entendimentos sobre o viver, estrutura sua individualidade e se socializa com o mundo. Assim, entendo que a imaginação é uma linguagem, uma via de conhecimento e apropriação das coisas, não menos importante que a racionalidade.

Nas áreas da infância e da educação, é comum privilegiar a fala direta a partir de um discurso linear, pautado na oralidade e na escrita, para escutar as crianças. O que este discurso costuma capturar é uma camada superficial da cultura com forte influência das instituições que cuidam da criança, em especial a escola e a família. A camada mais profunda, o saber simbólico, as percepções afetivas e subliminares, pouco se acessa dessa maneira.

A criança está conectada com um mundo muito maior do que o mundo dos adultos. E ela o expressa com o vocabulário que ela tiver, no desenhinho que ela souber fazer, num pequeno gesto e em uma pequena atitude. Nós não temos ouvidos porque não sabemos disso, e pretendemos educar um ser, que na verdade tem muito para nos educar, contar, para nos mostrar (GAMBINI, 2008).

Para ouvir as crianças em sua linguagem natural, acessar seus dizeres mais sinceros e profundos, é preciso acessar sua vida imaginária. Acessar esta dimensão requer utilizar-se de metodologias que criem situações que levem as crianças a se expressarem para além da via oral e escrita, por seus meios próprios: pela gestualidade corporal, pela expressão gráfica, pela construção de objetos tridimensionais, pelo brincar. É por meio dessas linguagens que ela mais facilmente comunica sua dimensão simbólica e, portanto, seus afetos e representações.

Sob esta perspectiva, precisamos propor formas de escuta que permitam diferentes linguagens e expressões, além da palavra e da escrita. Ao longo do percurso da minha pós-graduação, tive contato com três terapeutas junguianos, que de forma profunda e sensível capturam mensagens do inconsciente e do imaginário das crianças através de canais expressivos pouco convencionais, que fazem emergir percepções subliminares e afetivas, carregadas de significados mais precisos sobre como e o quê as crianças percebem no meio que as circunda, a natureza, as cidades, os costumes.

O psicoterapeuta junguiano e artista plástico Roberto Cirani usa o barro como material de expressão espontânea, como forma indireta de trabalhar a leitura e a elaboração das imagens inconscientes propiciadas por seu manejo. Patricia Gimenez, psicoterapeuta junguiana, observa as imagens do inconsciente das crianças plasmadas na areia, técnica denominada em inglês *sandplay* (brincar na areia), criada por Dora Kalff na Suíça. Já Roberto Gambini (GAMBINI, 2008), também terapeuta junguiano, trabalha com os sonhos. Ele fez um trabalho lindíssimo registrando as imagens ancestrais da alma nos sonhos infantis, em três universos distintos: uma escola em São Paulo, que atende crianças da elite

paulistana, uma escola na favela do Rio de Janeiro, que atende crianças em situação de vulnerabilidade, e crianças indígenas de uma aldeia no Parque Nacional do Xingu. Através de desenhos que retratavam seus sonhos, traziam imagens que expressavam de forma fiel seu contexto imerso na natureza.

A leitura qualificada dos desenhos dos sonhos das crianças, que Roberto apresentou na aula e em sua palestra ministrada em 15 de março de 2008, em São Paulo¹⁴, me tocou profundamente. Ele identificou nos desenhos o que os sonhos das crianças diziam sobre elas, sobre a infância e sobre o mundo em que nós estamos vivendo. Sua análise, rica e detalhada, me fez pensar no desenho como linguagem universal das crianças, como gesto genuíno de expressão, que em geral tem espaço e tempo para ser exercido em suas casas e escolas.

¹⁴ <<https://www.youtube.com/watch?v=ND9Kto-hev4>>

6. O desenho como linguagem:

Aprender a desenhar é aprender mais uma possibilidade de comunicação, por meio da qual as crianças aprendem o mundo e a si mesmas (BARBIERI, 2012, p. 85).

Desenho é linguagem. Toda criança desenha. Tendo um instrumento que deixa uma marca: a varinha na areia, a pedra na terra, o caco de tijolo no cimento, o carvão nos muros e calçadas, o lápis o pincel com tinta no papel, a criança brincando vai deixando sua marca, criando jogos, contando histórias (ALBANO, 2013, p. 15).

Aprendemos a desenhar desenhando, e quanto mais desenhamos, mais possibilidades percebemos. A artista plástica brasileira Edith Derdyk, em depoimento no livro de Stela Barbieri (BARBIERI, 2012, p. 97) diz que "*O ato de desenhar impulsiona outras manifestações, que acontecem juntas, numa unidade indissolúvel, possibilitando uma grande caminhada pelo quintal do imaginário*".

Em casa, vejo as minhas filhas desenharem e contarem sobre si no papel, diariamente. Elas se utilizam dos desenhos para narrar suas vivências, experiências, e para comunicar emoções que às vezes não conseguem verbalizar, mas querem revelar. O desenho é um canal de expressão que dá forma, conteúdo, e as apoia em sua elaboração interna. Ana Angélica afirma que o desenho é, para criança, uma linguagem como o gesto ou a fala. A criança desenha para falar e poder registrar a sua fala (ALBANO, 2013, p. 20). Muitas vezes, quando minhas filhas querem dizer que ficaram chateadas comigo por alguma razão, ou que estão com saudades do pai que viaja bastante a trabalho, elas me entregam um desenho ou deixam-no em cima da minha cama para que eu veja depois. Observo aqui a qualidade terapêutica do ato de desenhar, não apenas como possibilidade de acessar o mundo interno delas, mas o ato de desenhar em si. Este reconhecimento de que o ato de pintar e desenhar possui qualidades terapêuticas, foi uma constatação empírica confirmada por Dra. Nise da Silveira, quando trabalhou com seus doentes mentais no Hospital do Engenho de Dentro, num ateliê de pintura.



Desenho da minha filha para mim, demonstrando que estava triste comigo

Fonte: arquivo pessoal

Comecei a refletir sobre as diversas formas com que nós adultos nos relacionamos com os desenhos das crianças, seja em casa ou na escola. Existem situações em que a criança desenha, ninguém sequer olha e o desenho vai parar no lixo. Nas escolas, há situações em que os educadores determinam a hora do desenho porque acham que precisa ter isso todos os dias, e nesse caso a análise fica sem um processo associado a um contexto específico. Por outro lado, existem profissionais que estão pesquisando o desenho infantil como expressão gráfica, suas materialidades e as possibilidades que essa expressão oferece para descobrir quem são as crianças e o que elas têm a nos dizer por intermédio do seu imaginário.

Entendo que os desenhos merecem atenção e estudo. Senti-me chamada a experimentar o lugar de pesquisadora que se disponibiliza a olhar para os desenhos das crianças, com o intuito de investigar o que esta expressão gráfica tem a dizer sobre mim, sobre elas e sobre a cidade que nos acolhe (ou não).

A escolha não tem como premissa responder ou criar uma metodologia de análise dos desenhos, e sim percorrer um caminho subjetivo, ficar sensível às emoções que brotam em mim e atenta à diversidade de contextos que expressam as realidades das crianças.

7. O percurso da escuta...

7.1 O vínculo inicial

A escolha pela prática de campo foi alinhada com a visão da antropologia, ao optar pela dimensão de dialógica com o intuito de estabelecer uma conexão direta com as crianças, e dar ênfase ao conhecimento apreendido por meio de percepções elaboradas a partir da experiência empírica (FRIEDMANN, 2013, p. 32).

Entendo ser este o melhor meio de entendê-las em suas singularidades, por permitir uma observação direta delas e de seus afazeres, e uma compreensão desde os seus pontos de vista sobre o mundo em que estão inseridas (GOLDBERG E FROTA, 2017).

O primeiro passo foi apresentar a minha proposta para a escola e para os pais, mães e/ou responsáveis. Enviei um e-mail e uma carta impressa pelas agendas das crianças às famílias, para obter uma autorização para a participação das crianças e para uso suas imagens e desenhos neste trabalho. Enviei uma carta¹⁵ explicando a proposta, e pedindo a assinatura como forma de consentimento formal. Todos concordaram com a participação das crianças e me concederam a autorização de imagem.

A professora das crianças, Luzia Barbosa, desde o início foi muito receptiva, aberta e disponível. Me concedeu tempo em sua aula para que eu estabelecesse um primeiro contato com as crianças, que eu pudesse me apresentar e convidá-las para participarem dessa jornada comigo.

Em nosso primeiro encontro, sentamos em roda para nos conhecermos. Depois de me apresentar, convidei as crianças para pensar nos caminhos que percorrem no seu dia a dia e como os fazem. As crianças estavam afoitas para compartilhar e falar. A maioria escolheu relatar o caminho de casa até a escola. A grande maioria ia a pé ou de bicicleta, por morar no bairro. Contei para elas que eu adorava caminhar

¹⁵ <<https://docs.google.com/document/d/1RusGsfZkkDLfZRaVuwKZSOCdLu6eYYDgfy0AtXjh35A/edit?usp=sharing>>

pela cidade, e nestas minhas andanças eu descobria muitos tesouros e fazia muitos amigos. Como eu sabia que elas passeavam uma vez por semana com a escola, eu sabia que elas conheciam caminhos diferentes toda semana. Assim, fiz o convite para saber se elas topavam investigar seus caminhos pela cidade ao longo do mês, e o coro de "siiiiim" foi forte!

7.2 Percorrendo juntos o mesmo caminho....

A escola me autorizou a ir na van com as crianças no passeio seguinte da turma. Minha intenção era acompanhá-los, como observadora. Fomos todos na van do Sirley para o Jardim Botânico, visitar a exposição de Darwin. A viagem, que deveria durar em torno de 30 minutos, durou quase 50 por causa do trânsito.

Eram 14 crianças com o Sirlei (motorista), a Luzia (professora) e a Gabi (professora assistente) na van. As crianças gostam muito de passear, e estavam felizes por estarem juntas na van. Seus gestos e sentimentos eram os meus guias de leitura. Lembrei da educadora Lydia Hortélio, quando diz que o melhor presente para uma criança é outra criança. As crianças brincaram muito entre elas, estavam falantes e alegres por terem este tempo de brincadeiras entre elas, sem orientações específicas de um adulto. Eu estava feliz em estar ali, testemunhando tanta alegria. Notei que as crianças que olhavam pela janela estavam mais contemplativas e silenciosas. A conexão que estabelecem com a cidade não era através do corpo e nem compartilhada com seus pares, era solitária. Ficavam debruçadas na janela, vendo o tempo e o mundo passarem. Percebi que o mundo de dentro da van era o que mais absorvia as crianças.

O fio de diálogo das crianças com o caminho era o tempo. Estavam ansiosas para chegar, e reclamavam que já estavam há muito tempo no carro. Esse tempo de espera no carro diz bastante sobre o modo de vida das crianças urbanas. É o corpo reclamando que precisa se expandir e se movimentar, e que não aguenta mais ficar aprisionado.

As reflexões e as escolhas foram se dando o tempo todo. Estar em um campo de pesquisa em movimento foi um exercício de desapego às estratégias pré-organizadas. Fazer estes percursos com as crianças dentro de uma van inverte a lógica de interação das crianças. A oportunidade de brincar entre elas na van torna-se mais apelativa do que o lado de fora. A conexão com o lado de fora acontece mais na via da contemplação, e de forma indireta. Percebi que o meu desejo era buscar oportunidades de interações com o caminho mais corporais e ativas.

Agendei meu próximo encontro com as crianças para a semana seguinte, e pedi para a Luzia passar para elas, no decorrer da semana, o filme *Caminhando com o Tim Tim*¹⁶, de Genifer Gerhardt, com o intuito de manter a chama acesa do olhar para os caminhos.

7.3 O encontro com as crianças e com os seus desenhos...

Nosso encontro na semana seguinte foi no período da tarde, e teve uma hora de duração. As crianças desenharam em torno de 45 minutos, e tivemos 15 minutos para cada um compartilhar o seu desenho. O tempo foi assim estabelecido porque esta sessão entrou na grade de aula da Luiza, e ela assim conseguiu me disponibilizar a última hora de sua aula antes de as crianças irem embora.

A turma estava me esperando, e sabia que eu ia propor algo sobre seus caminhos. Sentamos em roda, entreguei um papel para cada criança, e a escola disponibilizou, no centro da roda e nas mesas da sala, lápis de cor. Conversamos um pouco sobre o filme do Tim Tim, e logo depois pedi para que fizessem um desenho que retratasse um caminho que eles gostavam de percorrer na cidade. Poderia ser qualquer caminho que eles gostassem.

O convite foi para as crianças fazerem um desenho de memória. O desenho de memória ativa nossa experiência estética. É uma forma de representação simbólica,

¹⁶ <<https://www.youtube.com/watch?v=1dYukOrq5Rl>>

não representa necessariamente o aspecto aparente, mas como cada um vê ou como interpreta o que vê (BARBIERI, 2012, p. 100).

Muitas das crianças escolheram o chão para desenhar e esparramar seus corpos. Outras escolheram mesas compartilhadas para, enquanto desenhavam, compartilhar ideias e histórias com os amigos. Estavam eufóricas e bastante dispostas para marcar o papel e contar sobre os seus caminhos.

Enquanto eles desenhavam, eu fiquei observando seus gestos, seus ritmos, conversas paralelas e interações entre eles. Quanto aos registros das minhas percepções, anotei no meu celular e no meu caderno. Eu registrava onde estava mais fácil e cômodo de anotar. A interação com as crianças deixava esse processo um pouco caótico. Mas como disse a Adriana em aula na nossa pós, *“Qualquer meio é válido, desde que registremos o que vemos, ouvimos e sentimos.”*

Quando todas terminaram, retomamos a roda, e cada um apresentou seu desenho e o descreveu oralmente. Gravei as falas das crianças no celular como registro.

A partilha na roda foi um pouco angustiante, faltou tempo. Tinha tempo para acabar, por ser a última atividade do dia. O tempo do relógio não é o mesmo tempo da criança. Por outro lado, conseguir um horário na aula da professora, em com festas de fim de ano se aproximando, era adentrar um território em disputa. Assim que terminaram de desenhar, as crianças ficaram ansiosas para ir embora. A apresentação de cada um sobre os desenhos entrou como um dever institucional. Foi uma pena, mas foi o que foi possível fazer.

Depois que a última criança apresentou, colocamos os desenhos no centro e a porta se abriu. As crianças saíram feito "estouro da boiada", corpos sedentos por movimento dispararam para retornar para seus lares.

8. A análise dos desenhos

O desenho é uma maneira de brincar no mundo, pensar o mundo, de estar o mundo, de se comunicar. Quando você quer explicar o caminho para chegar até a sua casa, pode desenhar (BARBIERI, 2012, p. 85).

A pesquisa de campo com as crianças foi realizada no segundo semestre de 2019. Deixei para fazer a análise e a escrita do trabalho no primeiro semestre em 2020. Estava seguindo um planejamento e me preparando para o desapego, porque estava com mudança marcada para agosto de 2020, com a minha família, para os EUA. Dizem que o ano de 2020 é o ano da borboleta, e ele colocou todos em um casulo. A pandemia chegou, e com ela muitos ajustes internos e externos, desafios e oportunidades. Adaptar-me à nova rotina fragmentada entre trabalho em *home office*, afazeres da casa e escola *on line* das crianças exigiu uma reorganização de tempo e prioridades. Não foi, e não está sendo fácil. Difícil encontrar concentração e espaço interno para alcançar o estado de imersão e introspecção que o ato de sentar, conectar e escrever exige.

Quem não se identifica com este vídeo da humorista Ingrid Guimarães?¹⁷



¹⁷ <https://www.instagram.com/tv/CBDv6b0jR7h/?utm_source=ig_web_copy_link>

Aos poucos fui me adaptando a este "novo agora". O mantra "Vai passar" e as meditações matinais foram me ajudando a acalmar a minha mente inquieta e a minha angústia interna. Me lembrei da fala da artista plástica e educadora Stela Barbieri em sua aula na pós, que disse que em situações desafiadoras devemos aprender com as crianças, "*elas choram, levantam e vão brincar!*" E assim fiz, chorei, levantei e fui gradualmente me reaproximando dos desenhos das crianças e me reconectando com a minha pesquisa. Organizei-me para acompanhar a semana de defesa das bancas das minhas colegas de curso, e foi uma verdadeira fonte de inspiração. Reaqueceu os meus ânimos, e me senti estimulada a retomar a escrita.

A pesquisa com as crianças foi pautada na lógica socioantropológica, de que a criança é sujeito de direitos, produtora de cultura, competente e cidadã. Ela se expressa por meio da linguagem e dos símbolos, constituindo-se como um ser singular que busca seu espaço na sociedade. Merece ser vista como ator social, em constante interação com o outro e como ambiente, passando a ter um papel ativo na definição de sua própria condição (GOLDBERG e FROTA, 2017).

Privilegiei o desenho infantil como via de acesso para uma pesquisa *com* as crianças, e não *sobre* elas. A escuta e a observação das crianças exigem respeito e ética na abordagem junto às mesmas: não se trata unicamente de registrar suas falas, produções e ações, tem muito a ver com a pré-disposição do pesquisador (FRIEDMANN, 2018). Posicionei-me como uma pesquisadora que se dispõe a observar e participar, ou seja, enquanto interagia com as crianças, buscava efetivar uma relação de igualdade e de confiança. Esta escolha exigiu presença, inteireza, abertura para acolher o que elas expressam naturalmente e conexão com a minha bagagem pessoal e acervo interior.

A análise dos desenhos foi feita para além da observação dos traços, cores, tamanho e posicionamento das figuras no papel. Na escuta de como as crianças veem, expressam, simbolizam e representam o mundo e as relações que mantêm com ele nas mais variadas esferas, busquei aliar o desenho ao auxílio da oralidade

e não olhar o desenho isoladamente, mas todo o acontecimento: a cena, a relação do desenho com o que a criança falou, o movimento que ela fez, para onde ela olhou. *"O desenho está nesse rizoma de vetores, e é preciso compreendê-lo dentro da complexidade do fazer daquela criança"* (BARBIERI, 2012).

Esforcei-me em ampliar e aprofundar o meu olhar para ler e traduzir as linguagens não verbais das crianças. Conectei-me com meus sentimentos e compartilhei minhas percepções. O primeiro passo para ouvir, olhar, ler e compreender, começa com a um processo de autoconhecimento, de ouvir nossas próprias vozes. Desafia-nos a estarmos atentos às nossas percepções, emoções, sensações, sentimentos e pensamentos. (FRIDMANN, 2013, p. 158).

Para a leitura dos desenhos, também me inspirei em símbolos trazidos pelo terapeuta junguiano Roberto Gambini, que considera alguns elementos que aparecem nos desenhos como elementos simbólicos reveladores de aspectos da ordem do sensível.

No que tange à ética, inspirada no texto de Kramer (KRAMER, 2002, p. 47), refleti sobre como nomear as crianças. Optei por trazer seus nomes verdadeiros, por alguns motivos. As crianças foram consultadas e convidadas a investigar os caminhos e desenhá-los. Ficaram felizes e aceitaram o convite. Elas também foram consultadas sobre a possibilidade de terem seus desenhos publicados no trabalho, e todas concordaram. O tema sobre o qual as crianças foram convidadas a desenhar convida a acessar memórias afetivas de percursos ordinários em suas vidas, e revelá-las não fere a sua integridade. E, por fim, me emociono com os desenhos e os reconheço como obras de arte. Penso que as crianças ficarão felizes e orgulhosas em ver-se e serem reconhecidas como artistas que assinam sua obra.

Escolhi oito desenhos para compartilhar e convidar à análise. As imagens estão acompanhadas da transcrição da fala das crianças que, em roda, apresentaram seu desenho para toda a turma.

Vamos então adentrar os desenhos e falas das crianças. De mãos dadas com elas, vamos juntos conhecer os seus caminhos e suas paisagens internas e externas.

8.1 Desenho do Tomas:



"Não sei, não quero falar"

Tomás, 7 anos, é filho único e mora bem perto da escola. No desenho do Tomas, chamou atenção a presença de cabecinhas de pássaros espalhadas por todo o percurso, e que assumem diferentes personagens, como ele próprio, pedestres, pessoas no Bar Belmonte e um passarinho na árvore.

Essas cabecinhas são rolinhas, que historicamente foi uma das primeiras espécies brasileiras de pássaros a se adaptar ao meio urbano, e ainda é a espécie nativa mais comum em boa parte das grandes cidades brasileiras¹⁸. É muito comum

¹⁸ [https://www.wikiaves.com/wiki/rolinha-roxa?s\[\]=%2Arolinha%2A&s\[\]=%2Aroxa%2A](https://www.wikiaves.com/wiki/rolinha-roxa?s[]=%2Arolinha%2A&s[]=%2Aroxa%2A)

encontrá-las no bairro da Urca. Em frente à escola há muitas que ficam nos fios de luz e outras pelo chão, ciscando grãos.

A professora Luzia me contou que, no início do ano, Tomas começou a brincar com as mãos imitando uma rolinha. Com o passar do tempo, foi assumindo a rolinha como sua identidade, e passou a adotá-la como sua marca registrada, incorporando-a a em sua assinatura. Penso que este processo do Tomas, de assumir a rolinha como sua marca registrada, dialoga com um amadurecimento interno e corajoso de afirmar-se. O desenho o apoia neste processo como possibilidade de lançar-se para a frente, projetar-se (ALBANO, 2013, p. 15).

A brincadeira com a rolinha, que antes era só com as mãos, chega no papel e na escrita. Me chama atenção a fusão dessas duas linguagens infantis, o brincar e o desenho. Ana Angélica Albano diz que, desenhando, a criança cria em torno de si um espaço de jogo, silencioso e concentrado, ou ruidoso seguido de comentários, mas sempre um espaço de criação. Lúdico. A criança desenha para brincar." (ALBANO, 2013, p. 15)

Chama-me a atenção a rolinha sendo constantemente ressignificada, representando diferentes personagens. Este fenômeno revela-se como expressão de sua alma imaginativa, de sua capacidade de criar e recriar.

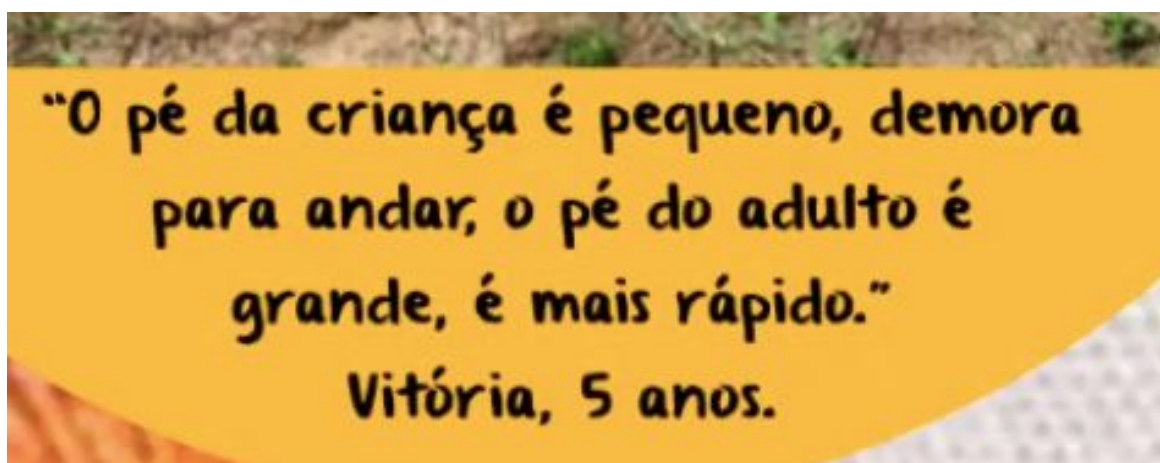
Tomas costuma ir a pé para a escola. A oportunidade de caminhar pelo território permite que se torne um pequeno explorador de seu bairro, e assim como Calvin, se encanta com os tesouros que encontra pelo caminho.



Fonte: *There's treasure everywhere, A Calvin and Hobbes Collection*, Bill Waterson, 1996.

A rolinha é um pássaro muito comum e presente no bairro da Urca. Sua identidade com ela revela a conexão que ele tem com o bairro onde mora e estuda, seu senso de pertencimento ao território e sua conexão com a natureza. Importante dizer que o Tomas está perto de casa, percorrendo um trajeto ordinário que faz diariamente entre a casa e a escola. Ele não está de férias em um parque distante. É neste recorte da cidade, na natureza que lhe é acessível, que ele se vincula ao mundo natural e vive experiências significativas. **Tomás nos conta que a sua cidade lhe traz oportunidades diárias de conviver e de vincular-se com a natureza.** Basta lhe permitir **tempo, espaço e oportunidade de relacionar-se com o território através do corpo**, que a curiosidade e o encantamento com o mundo aflora e alquimia acontece.

O caminhar é permeado por um **tempo** mais lento, mais respeitoso com o ritmo da criança.



Fonte: Harmbach, M., Professora da EMEI Dona Leopoldina - São Paulo (SP)¹⁹

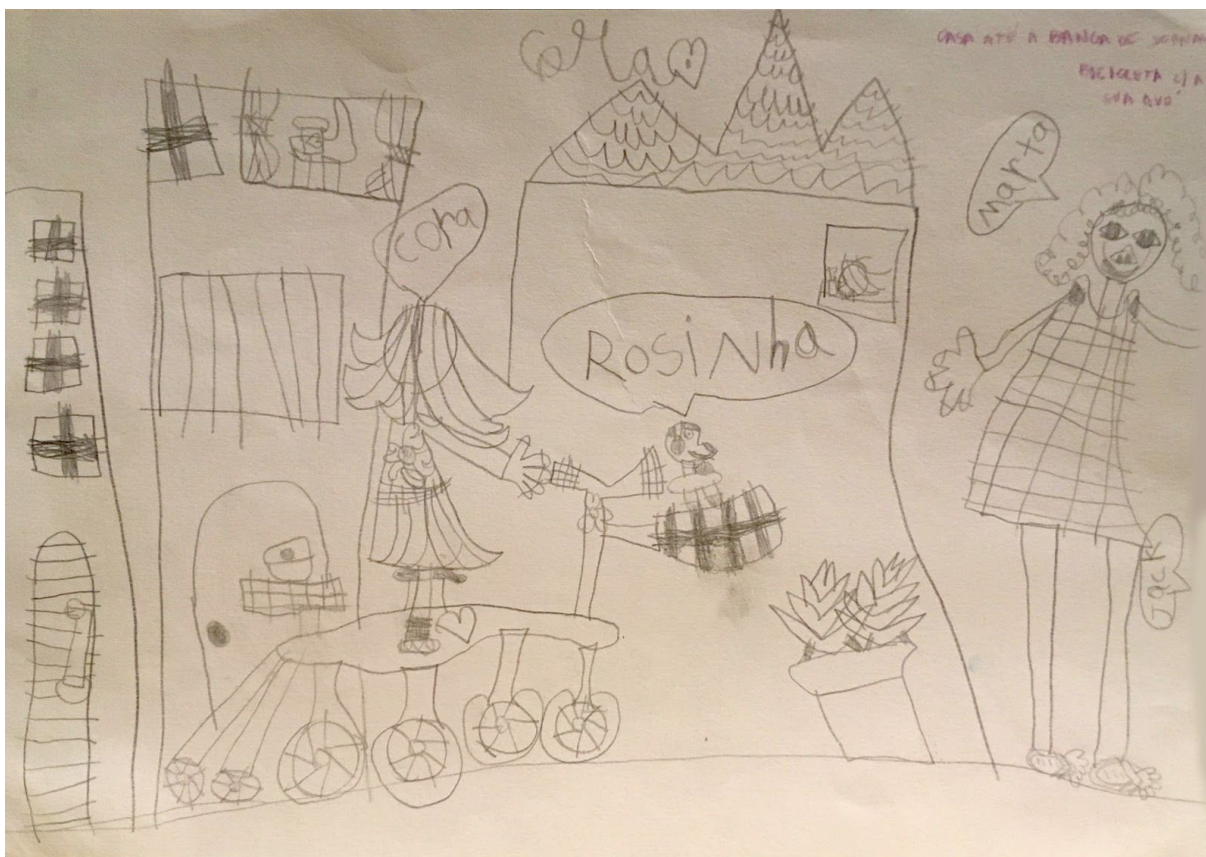
¹⁹ HARMBACH, M. C. *A palavra que lavra a prática pedagógica: a voz do Conselho Mirim. Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação Lato Sensu.* FACON, São Paulo, 2020.

Tomas é bem seletivo e restritivo com os alimentos. Gosta de macarrão, ovo, mamão e AMA chocolates. No bairro da Urca tem uma loja Americanas Express que vende doces e guloseimas. Ela não está na rota do caminho do Tomás até a escola, mas Tomás a desenhou e marcou com um X, por não estar acessível em seu caminho escolar, mas por ser um sentimento que o acompanha. No ato de desenhar, pensamento e sentimento estão juntos. (ALBANO, 2013, p. 23). O desenho infantil guarda em si um mundo rico em simbolizações, expressando ideias, sentimentos, sensações e desejos (GOLDBERG e FROTA, 2017).

Muitas vezes, as crianças expressam e misturam aquilo que não têm, aquilo que desejam, aquilo que sonham e gostariam de ter porque lhes falta. Na infância, realidade, imaginação, jogo e sonhos, misturam-se na vida das crianças. E isto é saudável, e não pode ser tolhido. (FRIEDMANN, 2013, p. 99).

No desenho do Tomás, o real e a imaginação caminham juntos, ganham traços e a mesma importância. A loja de guloseimas não está fisicamente, mas nos desejos de Tomas ela está presente.

8.2 Desenho da Cora:



"De casa para a banca de jornal. Presença da Vó, e no desenho, não tem o ponto final, porque não chegou ainda. Vó leva a Jack (cachorro), ela leva a Rosinha (cachorra de pelúcia) e desenha a metade do prédio eu fiz a porta igualzinha. Andando de bicicleta, ela não pinta, porque são muitos detalhes. (esqueci de fazer os pedais). Ela se ocupa mais com os detalhes. Rosinha acompanha ela todos os dias, e só leva na hora do recreio"

Para a artista contemporânea francesa Louise Bourgeois "os desenhos são compulsões carinhosas", uma maneira compulsiva de se colocar (em BARBIERI, 2012, p. 87). Este é o gesto que me remete à Cora, 6 anos. Assim que recebe o papel, o corpo se curva, ela se debruça no chão, e imediatamente começa a marcar o papel. Desenhar para Cora é um ato de introspecção, um mergulho em si mesma que só pára quando ela é interrompida.

Cora dedica boa parte do seu tempo desenhando os detalhes. Seus traços parecem romanos, gostam de se curvar. Os cabelos têm vários cachos, o telhado está cheio de telhas, a planta no vaso tem bastante folhagem. As duas edificações que aparecem no desenho, parecem castelos. Os detalhes são tão ricos que ela nem sequer deu tempo de usar o lápis de cor. Cora gosta é das minúcias. *"Nunca dá tempo de colorir seus desenhos"* diz a professora Luzia.

Cora escolheu desenhar o caminho entre a casa de sua avó até a banca de jornal. O capricho nos detalhes é mais importante do que desenhar o trajeto completo. *"Não deu tempo dela chegar"*, explica ela.

Para Cora, o tempo nunca dá. Me reflito sobre este tempo cronológico e fragmentado da escola, que não respeita e nem dialoga com o tempo e ritmo da criança. Não dar o tempo necessário para terminar o desenho, para colorir, para chegar, é não dar tempo para a Cora esgotar sua linguagem, expressão, comunicação, ou seja, é não dar tempo para a Cora ser. O ato de desenhar exige vínculo consigo mesmo.

A a criação de vínculo tem como mola propulsora o desejo de cada um, sendo o desejo um dos sentimentos humanos mais espontâneos. Entretanto, sentir a pulsação do desejo e a manifestação do vínculo, demanda tempo, um tempo ligado à noção grega kairós: momento oportuno. Momento oportuno para a descoberta e para o vínculo com o outro, momento oportuno para brotar o desejo e o gesto espontâneo do apreender o mundo com um propósito singular. (BARROS Org. 2018, p. 56).

É importante requalificar os tempos e rotinas escolares de forma a favorecer a constituição do ser, possibilitar que as crianças pequenas e grandes tenham tempo para se expressarem, para apreender o mundo, fazer contato consigo mesmas através da introspecção e para relacionar-se com o outro através da experiência coletiva.

Cora é filha única, de pais separados. Logo quando me aproximei dela ela me contou que tem três casas: a da mãe, a da avó Marta e da avó paterna.

No desenho, vejo elementos simbólicos que dialogam com a sua necessidade de segurança. Talvez esta necessidade de segurança tenha a ver com ter que se dividir entre três casas, e a faz encontrar amparo no vínculo e no afeto de suas relações.

Em seu desenho, Cora valoriza as relações importantes da sua vida. Ela começou desenhando sua avó Marta. Ela é tão importante na sua vida, que tem a altura dos prédios no seu desenho. A avó é muito presente em sua vida, quem a busca e a leva para a escola muitas vezes.

Rosinha, sua cachorrinha de pelúcia, também está presente sendo carregada na cesta de sua bicicleta. Rosinha vai todos os dias para a escola e fica na sala de aula enquanto Cora estuda e brinca, e só sai da sala para acompanhá-la no recreio. A Rosinha é seu porto seguro, dá colo e conforto quando precisa.

A bicicleta da Cora tem seis rodas, e me leva a pensar que é mais um reforço para se sentir segura.

Cora me apresenta uma nova forma de enxergar a cidade. Uma cidade que preza a estética, os detalhes, os afetos entre relações intergeracionais, que respeita o ritmo dos que precisam de mais tempo para andar, e onde casas e prédios parecem castelos. A cidade de Cora é uma cidade para todos, que propõe uma mudança de paradigma, uma inversão de prioridades capaz de reverter o planejamento masculino de cidade (TONUCCI, 2016).

8.3 Desenho da Lorena (Lolo)



"Percurso do Optimist, curso na Maria da Glória, tudo é mar fora da Marina da Glória"

Lorena, 7 anos, é filha única, uma menina falante, destemida, enérgica, e que gosta e precisa se movimentar. Logo quando eu lhe entreguei o papel, ela me perguntou com um sorriso no rosto: *"Pode ser qualquer caminho que eu faço na cidade?"* Os olhos brilharam quando eu disse que sim!

Lorena escolheu um caminho que não é óbvio, mas que só um olhar infantil talvez possa encontrar. Como bem define o filósofo Renato Nogueira, a criança é capaz de lançar olhares inéditos sobre o mundo e dar um sentido outro para a vida. (NOGUERA, 2019). O caminho que a Lorena escolheu é no mar, um percurso que faz com o pequeno veleiro *optimist*, entre duas boias.

Roberto Gambini (GAMBINI, 2008) elenca alguns elementos que aparecem nos desenhos como elementos simbólicos, que revelam aspectos da ordem do sensível. No desenho da Lorena vejo alguns desses elementos simbólicos. A cor azul é predominante. Preenche todo o papel, representa o céu, o mar e a divisa entre eles que, segundo ela, é a Marina da Glória. A cor azul simboliza transcendência, e me pergunto se revela a capacidade da Lorena de conectar-se com planos superiores.

A criança na natureza é mais explícita ao divino. O autor Richard Louv (LOUV, 2016) revela que a maioria das experiências transcendentais das crianças acontece na natureza, e permitem o desenvolvimento de valores muito importantes nas crianças. Tendo a achar que o desenho da Lorena revela uma experiência cósmica com a natureza, enlaçada pelo infinito simbolicamente representado pelo rastro do barquinho no mar.

A cidade que Lorena traz dentro de si é uma cidade que não comprime e não confina. Tem uma natureza exuberante, não há cimento. É uma cidade que possibilita o contato com o sagrado, com a liberdade e com a transgressão.

8.4 Desenho do Joaquim (Joca):



*"Na verdade é só atravessar a rua e eu cheguei na casa do João Pedro, e vou brincar.
Então, eu podia ir sozinho para a casa do João Pedro"*

Joca, 7 anos, como é carinhosamente chamado pelos seus amigos, sentou em uma mesa compartilhada para desenhar junto com os colegas. Sua concentração estava dividida entre o desenho e as histórias que trocava com quem dividia a mesa com ele. Joca é filho único de pais separados e não é toda hora que tem uma criança para brincar. Talvez seja por isto que aprecia tanto a presença dos amigos.

A importância das amizades em sua vida é evidente em seu desenho. Ele escolheu desenhar o caminho que o leva até a casa do seu amigo de bairro e colega de classe, JP, que mora do outro lado da rua. *"É só atravessar a rua e chego na casa do JP, e vou brincar"*, diz.

O caminho do Joca é curto, e no desenho é quase um detalhe se comparado ao tamanho da casa. O caminho, claramente, não significa muito para ele. Ele é curto, não há detalhes, não apresenta elementos e nem desafios, não lhe chama muito a atenção enquanto percurso. Quando Joca nos contou que escolhera o caminho para a casa do amigo que mora do outro lado da rua, a professora Luzia perguntou para ele se ele ia sozinho. Ele logo expressou seu ressentimento pela educação superprotetora da mãe: *"Não! Eu queria poder, é do outro lado da rua"*.

A professora Luzia, surpresa com sua resposta, reforça que "atravessar a rua sozinho não pode". Ele aponta que tem um guarda que fica na rua, e desta forma não estaria desassistido. O amigo JP, ouvindo a conversa, lembrou que o guarda se chama Apoio, por ter o nome "APOIO" escrito nas costas de sua camisa. Joca reforça que ele está lá para apoiar, e reclama mais uma vez: *"Então, eu podia ir sozinho para a casa do João Pedro"*.

Segundo o pensador italiano Francesco Tonucci (TONUCCI, 2016), este é o conflito atual entre as crianças e seus pais.

As crianças pedem, à escola e à cidade, mais autonomia e mais liberdade. E seus pais pedem, à escola e à cidade, mais controle, mais vigilância e mais proteção. São duas visões conflitivas e devemos escolher de que lado estamos. Se estamos com os pais, estamos contra os filhos, porque se aumenta o controle, diminui a autonomia. Mas se estamos com os filhos, não estamos contra os pais, porque quanto mais as crianças tiverem autonomia, mais autonomia terão seus pais. (TONUCCI, 2016)

A rua é o lugar onde se vive a cidadania plena e as crianças não deveriam ser privadas deste convívio. É importante acreditar na capacidade das crianças de estarem e agirem no mundo sem a mediação dos adultos, para que desenvolvam sua autonomia. As crianças têm direito à cidade e devem ocupá-la. Só assim haverá possibilidade de mudanças nas configurações dos espaços urbanos que passem a acolher as suas especificidades.

Uma das mudanças mais profundas nos dias de hoje diz respeito à queda da autonomia das crianças na cidade. As pesquisas (GASTER, 2012 e WENETZ, 2013) sinalizam que as crianças têm tido o seu raio de atuação cada vez mais reduzido nas cidades. A rua para o Joca não é um lugar de convívio e brincadeira, e nem de andar livremente. A rua lhe foi apresentada como um lugar perigoso, que tememos, pela sensação de insegurança em relação ao estranho (WENETZ, 2013), e por priorizar a passagem de veículos motores.

Para o Joca, o que importa é o lugar de brincar. A casa do amigo é o que ganha relevância no desenho. Ocupa a maior parte do papel, tem cores, beleza e detalhes. Joca fala da casa como se fosse muuuuito grande, apresenta desafios e oportunidades de ir e vir pelas escadas, e até traz a natureza para dentro e fora dela.

A cidade do Joca lhe passa a mensagem de que lugar de criança brincar não é na rua, e que a vida urbana acontece é do lado de dentro.

8.5 Desenho do João Pedro (JP):



"Aqui é minha casa, aqui é o pau brasil, aí eu atravesso para a rua do Joca, e só que às vezes eu vou para a pracinha e às vezes eu saio da minha casa e vou para a pracinha, e lá tem muitos bambolês, e aqui tem dois carros e lá tem muitos bambolês"

João Pedro, 6 anos, escolheu o mesmo caminho que o Joca, o de sua casa até a casa do amigo que mora do outro lado da rua. O que os desenhos têm em comum é o destaque para o lugar do brincar, com a diferença de que no do JP aparece o brincar na cidade, ao ar livre.

A rua é a ponte que o leva em direção ao brincar, seja para a casa do amigo, seja para a única pracinha do bairro dedicada às crianças. Ele não desenhcou em sua casa um quintal, mas a rua que o conecta com o quintal que ele elegeu para si: a pracinha. Esta identidade com o espaço e o sentimento de apropriação que ele tem com a pracinha é um indicador de que ele vive a cidade a ponto de senti-la. Ele se conecta com ela pelo corpo, e a desfruta.

Ele ocupa a praça e sente que pertence a ela, e se refere a ela duas vezes em sua fala. Além disso, as proporções dela são maiores do que o desenho das duas casas juntas. O poeta Manoel de Barros diz que *"As pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade."* (BARROS, 2003, p. 49). Bambolês e um carrinho de plástico de elefante, são os brinquedos das pracinhas que lhe são valerosos e, para ele, são enormes, ocupam a praça inteira.

O acesso à rua sai praticamente de dentro da sua casa, pela escada. O percurso até a casa do amigo não é tão curto quanto é para o Joca, ele até se imagina percorrendo-o de carro.

João Pedro começou seu desenho pela árvore Pau-Brasil que fica na esquina da sua casa. Quando apresentou seu desenho na roda, fez questão de apontá-la como um elemento de referência e que lhe é muito caro. Fiquei curiosa para conhecer este Pau-Brasil. Quando eu passei em frente à casa do João Pedro, e pedi para a sua mãe me mostrar onde é que ficava o Pau-Brasil, ela se mostrou surpresa por ele nunca ter apontado a árvore como algo importante para ele. Bonito ver o desenho mostrando aspectos de personalidade e conexões afetivas do filho que ainda eram desconhecidos pela mãe.

A cidade para João Pedro é uma cidade amigável à infância. Ela oferece uma árvore para chamar de sua, lhe garante ambientes ao ar livre que geram experiências significativas e seguras, para que ele siga brincando e se desenvolvendo plenamente, e proporciona uma vida em coletividade.

8.6 Desenho da Yasmim (Yaia)



"Essa daqui é a condução da dona Fernanda quando ela chega para pegar a gente, e aqui tá eu, o Ben ben, e o Chico lá no canto, aqui eu fiz um morador da rua que eu sempre vejo que ele tem um carro e um pano verde segurando, e ele sempre está atrás de uma árvore, e aqui é a minha babá Ana dando tchau. Ah, e nesse dia estava chovendo".

A Yasmim, 7 anos, desenhcou o caminho de casa até a escola, que faz com a condução da Dona Fernanda. Ela apresenta o percurso sob a ótica do que lhe é mais valoroso: os encontros. O primeiro encontro é com os colegas da van. *"Vamos todos muito juntinhos"*, diz ela. O segundo é com a Babá Ana, que fica na porta do prédio acenando a mão, mesmo embaixo de chuva, num ritual que não pode faltar. E, o encontro seguinte, com um morador de rua. Com ele não tem interação, mas só de saber que ele está ali todos os dias, já lhe é suficiente.

O desenho de Yasmim, preenche todo o papel e transmite proteção. Nas laterais, os 2 elementos altos representam moradia. O prédio é onde ela mora e a árvore é a casa (para ela) do morador de rua.

Yasmim não desenha o percurso todo, ela escolhe desenhar o instante, o momento que simboliza simultaneamente os encontros com os amigos, com o morador de rua e com a sua babá.

Yasmim é um criança empática, de valores humanos, que se preocupa com o outro. Ela percebe a presença do morador de rua, e de alguma forma, se preocupa com ele. O sol, que segundo Jung (em GAMBINI, 2008), simbolicamente, representa a consciência, traz sinais de que Yasmim está atenta às desigualdades da nossa sociedade.

O desenho traz símbolos que evocam boas sensações. Os pássaros que voam em várias direções expressam a liberdade e a possibilidade de alçar voos, e a chuva sugere uma sensação de frescor e de resiliência no gesto da babá que sustenta seu aceno de mão.

A cidade de Yasmim é calorosa e acolhedora, dá tempo e espaço para os gestos de afeto. Yasmim se sente amparada e alimentada pelos encontros que, simbolicamente, pautam seu percurso.

8.7 Desenho da Assussena (Sussu)



"Eu saio da minha casa, aí eu dou uma volta, e chego na ponte Rio-Niterói, e depois eu vejo o mar, as flores, o céu, eu consigo até de vez em quando ver a NAU de lá, depois eu vou dar uma volta bem grande, depois que eu sair do centro cultural, e aí eu chego em Macaé."

Sussu, 7 anos, é como os amigos e amigas chamam ela carinhosamente. Ela é filha única, de pais separados, que moram em cidades diferentes. Ela escolheu o caminho entre a escola e a casa do seu pai, que fica em outra cidade, a de Macaé.

Ela começou desenhando a Ponte Rio-Niterói. A ponte é alta, longa, divide o desenho em dois. Na parte de cima, a vida urbana, o concreto. Na de baixo, o mar abraça, a água traz fluidez. No seu desenho, Sussu não traz as pessoas, a figura da mãe ou do pai, ela traz o lado de fora, os elementos externos, é curiosa com o mundo.

O mar é muito importante para ela. Ele ocupa toda a parte inferior do desenho, e traz com ele a cor azul, que simboliza imensidão. No mar a vida acontece, navegam barcos, vivem peixes.

Em cima da ponte está Macaé, densa de construções, verticalizada, onde não circulam pessoas, apenas ela, dentro do carro, pequena. Sussu preza pelo belo e pela estética. Os prédios são coloridos, a árvore e as flores enfeitam a cidade.

A conexão com a natureza está presente, a natureza está em todo o desenho. Aprecia o horizonte, gosta de olhar longe e para o alto. Árvores, prédios e postes de luz, são todos altos. Esta é a sensação dela, de que a cidade é grande, alta, elevada, e ela é bem pequena, desenhada do lado de dentro, no canto do desenho.

A cidade que a Sussu apresenta é estendida, oferece horizonte e valoriza a natureza. A estética é parte do seu cotidiano, alimenta seus afetos e sua imaginação. Ela até vê a NAU do outro lado da ponte.

8.8 Desenho do Chico



"Aqui é minha casa, aí eu vou indo e passo pela minha padaria, e passo pelo primeiro túnel, eu tô de transporte, passo pelo segundo túnel, e passo pelo manequinho, aí eu passo pelo outro túnel que é feito de prédio, passo pela mureta da Urca, aí é o mar, aí passo pelo Belmonte, aí tem só uma casinha a mais, e eu já subo a ladeira, e aí é a NAAAAU!"

O Chico, 7 anos, é filho único, seus pais são casados e muito atuantes na escola. A escolha do do Chico é o caminho entre a sua casa e a escola. Ele não mora na Urca, vem de um outro bairro, e por isto o caminho dele é mais longo. Chico é um garoto falante, com muita vitalidade. O brilho nos olhos e o sorriso são constantes. Era a criança que mais se entusiasmava com a minha presença. Era me ver, já corria para me dar um abraço e me encher de perguntas.

O desenho do Chico revela o quanto ele é observador e curioso. Tem três planos, e o Chico compreende que na vida há distintas dimensões que coexistem, a dimensão do urbano, da natureza e a social.

Chico vai para a escola de transporte público. Apesar de sua altura não favorecer seu campo visual, ele tem uma intimidade com o percurso. Ele consegue nomear em ordem cronológica e fidedigna todo o percurso, desde que sai de casa, como os 3 túneis, a sua padaria, o manequinho, o boteco Belmonte. A percepção detalhada do entorno dialoga com Tonucci (TONUCCI, 2005, p. 29) que diz que *“Para a criança, o ato de se deslocar é um percurso, um itinerário, feito de muitos pontos intermediários, cada um dos quais sendo mais importante do que o ponto de chegada, que representa apenas o fim das descobertas e da aventura. Exatamente o oposto do adulto.”*

Chico é um garoto sociável, e o seu desenho mostra como ele gosta e percebe a presença das pessoas. Foi o único desenho que trouxe os pedestres, e os representou com relações intergeracionais. Vejo um adulto andando com uma criança de mãos dadas, um adulto puxando um carrinho de bebê, adultos e crianças andando na calçada. Chico alterna a ordem entre carros e pedestres, as pessoas estão na rua e os carros são muito poucos.

Apesar de densa, e bastante povoada, a natureza também tem o seu espaço. Chico traz o mar, as árvores, o sol.

A cidade do Chico inverte a prioridade entre carros e pedestres, e segundo Tonucci (TONUCCI, 2016), isso tem um sentido profundo, por ser uma decisão democrática, porque todos somos pedestres. É uma cidade viva, diversa e inclusiva, que abre espaço para o convívio com os outros e com a natureza.

9. Achados

Há uma urgência maior do que resgatar nas pessoas a percepção profunda e poética de que são capazes de criar a realidade com que sonham? (MOURA Org., p. 12)

Depois de enxergar as histórias, percorrer caminhos e ouvir as falas das crianças, compartilho alguns achados.

As análises dos desenhos, até aqui, foram feitas individualmente. Colocando todos em conjunto, compartilho algumas percepções.

Das oito crianças cujos desenhos foram analisados, por coincidência, seis eram **filhos únicos**. Um aspecto em comum que percebi em seus desenhos é escolher caminhos que os levam a encontrar outras pessoas, seja o pai, seja a babá, sejam os amigos na escola ou do bairro. **A convivência é valorizada**.

Dos 14 desenhos, apenas no do Chico aparece a dimensão social, os pedestres. As crianças não inserem as pessoas que não conhecem, os cidadãos comuns, em seus caminhos, somente os adultos de referência ou amigos e conhecidos. **As cidades estão esvaziadas**. Esta ausência das pessoas desconhecidas nos desenhos não está relacionada com uma indiferença das crianças para as relações, pois muitos desenhos revelam uma atenção especial para os seus vínculos. Onde será que estão as pessoas na cidade, que não aparecem nos desenhos? Por que será que as crianças, seres tão relacionais, não percebem as pessoas na cidade? Será que as crianças percebem e reproduzem o confinamento da nossa sociedade?

Nos diferentes caminhos e contextos das crianças, o **olhar para a natureza** é um denominador comum. Percebo que as crianças observam, trazem para perto de si, os elementos naturais. Em seus desenhos, elas buscam o belo, apreciam o horizonte e tendem a colocar a natureza dentro do seu entendimento e percepção

de cidade.

Percebi, nos desenhos das crianças, que **o real e o imaginário são representados em par de igualdade**. O mundo subjetivo, dos desejos, das fantasias, é igualmente representado com elementos reais.

Observei que alguns desenhos revelam, através de elementos simbólicos, como as crianças **absorvem de forma indireta as questões do entorno**. Em muitos desenhos, apareceu a placa de "proibido estacionar" na porta da escola, que a mantém para facilitar o trânsito. A escola sofre uma pressão no bairro pelos moradores, que se incomodam com o fluxo de carros na hora de deixar e buscar as crianças. Será que as crianças desenharam a placa por sentirem esta pressão ou porque é um objeto visual que lhes atrai a observação? Yasmim, em seu desenho, dá luz a um morador de rua. Será que ela se preocupa e percebe a desigualdade social?

Por que a cidade deve incluir as crianças? O pensador italiano Francesco Tonucci diz que uma cidade boa para as crianças, é uma cidade boa para todo mundo. Compilei, em forma de nuvem de palavras, o que os desenhos das crianças revelaram de como elas percebem as cidades. Que cidade teríamos?

As palavras que tiveram mais destaque foram: natureza, afetos, espaço, tempo, estética, oferece. Quem não gostaria de viver em uma cidade rica em natureza, bonita, promotora de encontros e facilitadora de vínculos entre seres humanos e outros seres vivos, generosa em sua oferta de espaços públicos e ambientes de convívio? As crianças mesmo não sendo convidadas a criar e a pensar a cidade, recriam a cidade a sua maneira e nos mostra **uma outra cidade possível, com prioridades invertidas e que prima pelo bem viver de todos**.

pesquisadora, sinto que houve uma inversão de prioridade neste trabalho. Comecei a analisar os desenhos das crianças com o intuito de investigar aspectos em seus caminhos que poderiam me revelar sobre a cidade em que elas moram. As mensagens subliminares e subjetivas que os desenhos revelaram foram as que mais me chamaram a atenção. Assim, me senti convidada a olhar mais para as crianças, percebê-las mais do que perceber seus caminhos. Posso dizer que fui afetada pela relação com as crianças, impactada no meu caminhar e **desviada do meu percurso**.

A maior contribuição das crianças para a cidade é o seu ponto de vista. O olhar das crianças para seus caminhos **interferiram no meu jeito de olhar** para os caminhos. Um percurso ordinário se revela extraordinário. Enquanto nós adultos os vemos e percorremos com o olhar automático do tempo apressado, as crianças os subvertem como oportunidades para brincar, atribuindo outras formas e funções para o espaço e equipamentos da cidade. As crianças instigaram a minha curiosidade pelos caminhos que eu faço, a olhar para eles sob a perspectiva do ritual de afeto da beleza.

Logo que fiz o convite para as crianças desenharem seus caminhos, muitas delas me perguntaram se podiam levar o desenho para casa. Contei que precisava mantê-los porque queria estudá-los e apreciá-los com calma, mas prometi que iria devolvê-los assim que a minha pesquisa se encerrasse. Consegui com a escola o contato de todas as famílias, e firmo o meu **compromisso de mandar uma cópia do meu trabalho por e-mail para a diretoria da escola, para as famílias, e o desenho original para as crianças, pelo correio**. Este retorno a eles é um gesto de respeito e compromisso com os combinados que fizemos. Obrigada crianças, pela confiança e partilha!

Compartilhei este meu trabalho com a professora Luzia, com o intuito de trocar saberes e impressões sobre os desenhos das crianças. Em mensagem pelo whatsapp, ela me escreveu que ficou encantada. *"Às vezes, analisamos o desenho da criança pelo aspecto do desenvolvimento cognitivo, esquecendo a poesia que*

nele existe. Sua narrativa me trouxe esse olhar e sua sensibilidade extrapolou uma análise técnica. Você conseguiu identificá-los, através de seus desenhos, de uma forma linda, reconhecendo-os através de seus traços, sem deixar de lado uma visão analítica do processo. Obrigada por permitir que eu participasse dessa caminhada, mas principalmente por me fazer refletir um pouco mais, da importância dos desenhos dos meus alunos. Como minha formação é em licenciatura artística, venho desenvolvendo esse olhar há muito tempo, mas sua sensibilidade me emocionou."

Espero que esta pesquisa de pós-graduação **possa continuar provocando e motivando educadores** a ampliar seus olhares e práticas cada vez mais sensíveis a dar vez e voz às crianças.

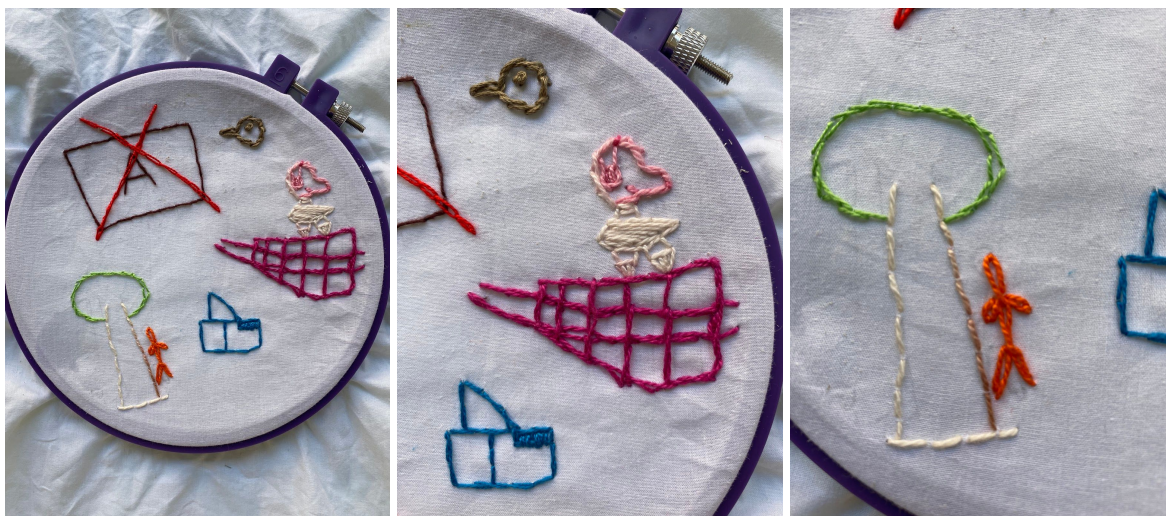


Finalizo com uma mensagem da pesquisadora e educadora Lydíia Hortelíio, senhora sábia, guardiã do encantamento pelo mundo. Em uma quarta-feira à noite, passei uma mensagem pelo whatsapp para ela, perguntando se ela poderia me dar um depoimento sobre "o que é a criança". Convido você a ouvir a resposta da Lydíia, pela sua própria voz²⁰ [Escute aqui](#)

²⁰ Áudio: <<https://drive.google.com/file/d/1nuuvHOUjHqxxjEwL7ujA8YN3dKqUi7sv/view?usp=sharing>>

Transcrevo a resposta dela abaixo, caso queiram acompanhar pela escrita:

"Minha querida, não tenho dificuldade nenhuma de lhe responder. Se é certo ou errado, a mim pouco importa, mas é o meu sentimento. A criança, é a última novidade do céu. É o ser humano ainda novo, como Deus fez. O mundo novo que está chegando, e essa pandemia que veio mesmo apressar essa passagem, não vai ser mais como outrora, viu? Os meninos vão tomar liderança, e o mundo será regido por uma criança. Aliás, não sei se você sabe, as festas do Divino, que no Brasil de Norte a Sul e de Leste a Oeste, como a rosa-dos-ventos é festejada, como herança da Idade Média portuguesa, a crença, o que se festeja neste dia, é justamente que, um dia, um menino vai reger o mundo, o menino imperador do mundo. Haverá liberdade, não haverá fome, e as pessoas vão se abraçar. Não é isso que a gente pode aspirar de mais alto? Então, a criança é o ser humano ainda novo, novinho em folha, como veio do céu. Quem quiser que interprete o que é ser humano, o que é menino, o que é criança, o que é céu... mas para mim é o novo, é a esperança do novo. E Deus não desiste, quem não crê em Deus - tem que ver com os dados que ele tem sobre aquilo que ele acredita - como é que ele resolve o problema? Mas o poder sustenta isso, interminavelmente. E enquanto a gente está conversando aqui, quantas crianças chegaram no mundo, e como é que essas crianças são recebidas? Já em casa, elas eram todos que "tibatague" da família, do avô, da avó, do bisavô, da bisavó, do tetravô, e aí lá vai... da escola, de tudo. O que tá precisando mudar no mundo, e ele vem em sacrifício, mas se ele não vier, o mundo novo não começa, o projeto de Deus não se realiza. Minha querida, um abraço grande para você! Saudades, tudo de bom viu?"



Seguimos aspirando alto,
dando a vez e a voz às crianças,
na esperança de propiciar novos inícios.

10. Referências bibliográficas

ALBANO, A. A. O espaço do desenho: a educação do educador. 16ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

ALBANO, A. A. De quintais e outros que tais. In: MARTINS, M. C. (Org.). Arte: pedagogia: infâncias: mediação cultural. 1ª Ed. São Paulo: Terracota Editora, 2015. v. 1, p. 76-86.

BANDEIRA, P. J. Mais respeito, eu sou criança!. São Paulo: Moderna, 1995.

BARROS, M. Memórias inventadas: a infância. 2ª Ed. São Paulo: Planeta, 2003.

BARROS, M. I. A. (Org.). Desemparedamento da infância: a escola como lugar de encontro com a natureza. Instituto Alana. Programa Criança e Natureza. São Paulo, 2018. Disponível em:
<https://criancaenatureza.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Desemparedamento_in_fancia.pdf>. Acesso em: 6 jul. 2020.

BARBIERI, S. Interações: onde está a arte na infância?. São Paulo: Blucher, 2012.

BARBIERI, S. “A arte é um aspecto expressivo importante, uma possibilidade de elaborar o mundo e de aprender”. [Entrevista concedida à] Aliança Pela Infância. 7 dez. 2019. Disponível em:
<<http://aliancapelainfancia.org.br/inspiracoes/a-arte-e-um-aspecto-expressivo-importante-uma-possibilidade-de-elaborar-o-mundo-e-de-aprender-alianca-pela-infancia-entrevista-a-artista-e-educadora-stela-barbieri/>>. Acesso em 6 jul. 2020.

FRIEDMANN, A. Linguagens e culturas infantis. 1ª Ed. São Paulo: Editora Cortez, 2013.

FRIEDMANN, A. Escutar crianças vai muito além de ouvir suas falas verbais. [Entrevista concedida ao] Território do Brincar. 13 mar. 2018. Disponível em: <<https://territoriodobrincar.com.br/nossas-reportagens/escutar-criancas-vai-muito-alem-de-ouvir-suas-falas-verbais/>>. Acesso em 6 jul. 2020.

FUNDAÇÃO Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Secretaria de Planejamento, Orçamento e Coordenação. Sinopse Preliminar do Censo Demográfico 1991. Rio de Janeiro, 1991. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/309/cd_1991_v6_n12_pe.pdf> Acesso em 6 jul. 2020.

FUNDAÇÃO Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Coordenação de Trabalho e Rendimento. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese de indicadores 2014. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf>> Acesso em 6 jul. 2020.

GASTER, S. *Urban Children's Access to Their Neighbourhoods: Changes Over Three Generations*. *Environment and Behavior*, v. 23, p. 70-85, 1991 [citado em] GILL, T. *An interview with... Tim Gill*. [Entrevista concedida a] *Rethinking Childhood* em 24 set. 2018. Disponível em: <<https://rethinkingchildhood.com/2018/09/24/student-interview-me-tim-gill/>>. Acesso em 6 jul. 2020.

GOLDBERG, L. e FROTA, A. M. M. C. *O desenho Infantil como escuta sensível na pesquisa com crianças: inquietude, invenção e transgressão na elaboração do mundo*. In: *Revista de Humanidades, Fortaleza*, v. 32, n. 2, p 172-179, jul./ dez. 2017.

INSTITUTO ALANA. Relatório Missão Técnica: cidades mais verdes e amigáveis às crianças. 2019. Disponível em

<https://criancaenatureza.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Relat%C3%B3rio-Miss%C3%A3o-T%C3%A9cnica-CN_POCKET.pdf>. Acesso em 6 jul. 2020.

KRAMER, S. A autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.116, p. 41-59, jul. 2002.

LOUV, R. A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza. São Paulo: Aquariana, 2016.

MALTEZ, M. Meu tio lobisomem: uma história verídica. 1ª Ed. São Paulo: Peirópolis, 2011.

MOSS, S. *Natural Childhood*. Londres: National Trust, 2012.

MOURA, R. (Org.). O Glicério por suas crianças. São Paulo: Criacidade, 2015.

Disponível em

<https://issuu.com/portalaprendiz/docs/publica_o-online-glic_rio-por-s>. Acesso em 6 jul. 2020

MEYER, B. Novas Perspectivas para uma cidade brincante. [Entrevista concedida ao] Instituto Alana, programa Criança e Natureza, 2017. Disponível em:

<https://criancaenatureza.org.br/wp-content/uploads/2018/02/Novas-Perspectivas-para-uma-cidade-brincante_FINAL2-1.pdf> Acesso em 6 jul. 2020.

PEREIRA, M. A. P. Casa Redonda: uma experiência em educação. São Paulo: Editora Livre, 2013.

PEREIRA, M. A. P. Um espaço que favoreça a infância. Disponível em

<http://acasaredonda.com.br/pagina/34>. Acesso em 27 jun. 2020.

QUINTÁNS, I. A unidade mínima de apropriação da cidade. 2016. Disponível em <<https://www.mobilize.org.br/blogs/passos-e-espacos/aunidademinima/>>. Acesso em 6 jul. 2020.

TAVARES, F. S. Crianças e a cidade: relato de uma caminhada como prática pedagógica. In: Escuta e observação de crianças: processos inspiradores para educadores. São Paulo: Centro de Pesquisa e Formação Sesc, 2018. p. 95 -101.

Disponível em:

<<https://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/uploads/BibliotecaTable/9c7154528b820891e2a3c20a3a49bca9/323/1520282460296693373.pdf>>. Acesso em 6 jul. 2020.

TONUCCI, F. Com olhos de criança. Porto Alegre: Artmed, 1997.

TONUCCI, F. Quando as crianças dizem: agora chega! Porto Alegre: Artmed, 2005.

TONUCCI, F. A criança como paradigma de uma cidade para todos. [Entrevista concedida à] Educação e Território. 21 set. 2016. Disponível em:

<<https://educacaoeterritorio.org.br/reportagens/francesco-tonucci-a-crianca-como-paradigma-de-uma-cidade-para-todos/>>. Acesso em: 6 jul. 2020.

WENETZ, I. As crianças ausentes na rua e nas praças: etnografia dos espaços vazios. In: *Revista Civitas*. Porto Alegre v. 13 n. 2 p. 346-363; maio-ago. 2013.

Disponível em em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/15477>>. Acesso em 6 jul. 2020.

Referências em vídeo:

Caminhando com Tim Tim. Gravação e edição: Tiago Espinho. Texto, narração e toque de sanfona: Genifer Gerhardt. Música original: Renatinho Muller. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1dYukOrq5RI>>. Acesso em: 20

mar. 2020.

A cidade e sua natureza para as crianças. GILL, T. [Entrevista concedida ao] Instituto Alana, programa Criança e Natureza, 2018. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=yx0X4mcTUY>> Acesso em 6 jul. 2020

Por uma educação com alma. GAMBINI, R. [Palestra concedida em] Fóruns da Aliança Pela Infância, São Paulo, 15 mar. 2008. São Paulo. Disponível em
<<https://www.youtube.com/watch?v=ND9Kto-hev4>>. Acesso em 6 jul. 2020.

Escuta de crianças. REEKS, D. Luciana Accioly e Júlia Hormann. Porto Alegre: Belmira Produtora. Disponível em:
<<https://drive.google.com/file/d/1wj-yinrqchloGyil-vdOBSPYhMWjZgHB/view>>.
Acesso em 6 jul. 2020.

Cultura das infâncias indígenas e afro-brasileiras. NOGUERA, R. [Palestra concedida ao] Seminário Criança e Natureza - Infâncias e Naturezas: um olhar para a diversidade social e ambiental. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=gPppNAkpM00>>. Acesso em: 6 jul. 2020.

11. Baú de tesouros

Durante a minha escrita, conversei com as mães e responsáveis das crianças, com o intuito de investigar mais os seus contextos. Em uma live que assisti com o escritor e educador André Gravatá, ele me provocou a refletir sobre o que é essencial e urgente.

Encantarmos é essencial! Compartilhar o belo, em tempos sombrios como os atuais, é urgente! As crianças nos devolvem a nossa infância, o que há de mais vivo dentro da gente!

A Cora quer mostrar a sua cachorra Rosinha



Ela ficou muito feliz em saber que a importância da Rosinha na sua vida foi reconhecida. Ela me contou que na escola nova que estuda, não deixam a Rosinha ficar na sala com ela como deixavam na NAU. Sua mãe comprou uma mochila transparente para colocar a Rosinha dentro, e assim elas poderiam se olhar durante a aula, mesmo que distantes.

Autorização da Cora: [link](#)

O Tomás nos convida a conhecer onde mora, que língua fala e por onde voam as suas rolinhas.



Vídeo do Tomas com a rolinha: [vídeo1](#)



A rolinha e sua casa: [vídeo 2](#)

Troca de mensagens pelo whatsapp com a Alessandra, mãe do Tomás

Alessandra: *Oi La, ele sempre amou pássaros desde bebê, mas realmente a rolinha veio quando a gente mudou pra Urca. Sabe que eu nunca tinha pensado nisso... E aqui agora a rolinha está mais forte. Ele brinca o dia inteiro de rolinha, sozinho. Qualquer hora vou filmar e te enviar. À noite, quando escurece e ele entra em casa, faz teatro com a rolinha, e eu e Elias descobrimos que ela tem uma língua própria hahahah. É muito engraçado.*

Laís: *Mas como é brincar de rolinha?*

Alessandra: *é a mão dele, especificamente os dois dedos médio e indicador, ela voa o dia inteiro kkkk. Vou tentar filmar e te envio, estou em reunião agora e estou ouvindo ele lá fora. Ele fez essa casa pra rolinha lá no Rio. Ele fez tudo, cortou a madeira, colou, fez a cama, sofá, retratos da rolinha na parede, costurou o colchão e travesseiro.*

Laís: *Esses sons que ele faz, é a língua da rolinha? Ela tem um mundo inteiro...*

Alessandra: *Sim, tem uma linguagem própria, eu até aprendi algumas palavras, mas ele jura que o Chico entende tudo hahaha.*

Autorização Tomas: [link](#)



O Joca e o João Pedro querem mostrar por onde andam no bairro.



Nino (9 anos) nos conta que agora quem leva o Eric (6 anos), seu irmão mais novo, para a escola é ele! Os dois vão juntos, sozinhos, de bicicleta!



Tomas, meu querido orientador, assim como eu, gestou a sua cria. Ele anuncia que o mundo novo está chegando... Bem vinda Lila!

